



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLL

MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA

**A VARIAÇÃO *NÓS* E A *GENTE* NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS/ÁGUA BRANCA-AL**

Maceió

2020

MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA

**A VARIAÇÃO *NÓS* E A *GENTE* NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS/ÁGUA BRANCA-AL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura PPGLL da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas – FALE/UFAL, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

MACEIÓ
2020

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S729 Souza, Maria Helena Menezes.

A variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL / Maria Helena Menezes Souza. – 2020. 91 f. ; il.

Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório.

Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 88-91.

1. Serra das Viúvas (Água Branca, AL). 2. Sujeito - Variação linguística. 3. Quilombolas - Alagoas. I. Título.

CDU: 81'344



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA

Titulo do trabalho: "A VARIAÇÃO 'NÓS' E 'A GENTE' NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS / ÁGUA BRANCA - AL"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:


Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (PPGLL/Ufal)

Examinadores:


Profa. Dra. Priscila Rufino da Silva Costa (Uincisal)


Prof. Dr. Adailson Pinheiro Sedires (PPGLL/Ufal)

Maceió, 2 de março de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força, paciência, sabedoria e discernimento para estar concluindo mais uma etapa na minha vida.

Agradeço de modo muito especial, aos meus pais, Maria Eliane Menezes e Lourival Freire, pelo amor, incentivo e compreensão, aos meus irmãos, Evânio Menezes e Erasmo Menezes, pelo apoio e carinho.

Ainda de modo especial, à minha orientadora Profa. Dra. Elyne Vitória pela confiança a mim concedida para a realização desta pesquisa, pelas referências disponibilizadas e pelas orientações ao longo da minha formação acadêmica.

A todos os professores e todas as professoras com quem tive o prazer de estudar ao longo de minha jornada, e principalmente aos do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Também a todos que compõem o Programa desde as secretarias até os órgãos de apoio.

Agradeço à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), pela bolsa de incentivo a minha pesquisa.

E, sobretudo, a todos os moradores da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas que nos receberam com imenso carinho e atenção, também por revelaram suas experiências diárias e histórias de vida de forma tão espontânea.

“As línguas são fascinantes.

Não há aspecto delas que não nos maravilhe. (...)

Mudam constantemente no eixo do tempo, e estas mudanças não se dão nem para melhor, nem para pior; as línguas não melhoram, mas também não decaem— elas simplesmente mudam.”

Carlos Alberto Faraco

RESUMO

Neste estudo, traçamos o perfil sociolinguístico dos falantes não escolarizados da comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL em relação à variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, com o intuito de analisar de que maneira essa variação ocorre na comunidade. Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos aos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972]), que trata da variação e da mudança linguística e discute os usos variáveis da linguagem em seu contexto social. Dessa forma, após a delimitação da variável dependente, delimitamos as variáveis independentes selecionadas como potencialmente relevantes na variação em estudo, a saber, paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal, determinação do referente, sexo/gênero e faixa etária. Após a delimitação das variáveis dependentes e independente, fizemos a análise e a codificação de todas as construções com a aplicação da primeira pessoa do plural. Para a análise quantitativa dos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) que delimitou as variáveis estatisticamente não significativas e a variável estatisticamente significativa na variação em estudo, mostrando que há variação de *nós* e *a gente* na comunidade estudada, e que a variante *a gente* é preferida para ocupar a posição de pronome de primeira pessoa do plural entretanto, os resultados demonstram que há uma disputa entre as duas variáveis, e que, de todas as variáveis analisadas neste trabalho, essa variação é condicionada pelos fatores paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero, preenchimento do sujeito e determinação do referente, levando-nos a argumentar que, na fala dos quilombolas não escolarizados, a posição de pronome de primeira pessoa do plural é um fenômeno variável.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Comunidade Quilombola Serra das Viúvas; Nós e a gente; Posição de sujeito.

ABSTRACT

In this study, we trace the sociolinguistic profile of the non-schooled speakers of the quilombola community Serra das Viúvas Água Branca - AL in relation to the variation of "nós" and "a gente" in the subject position, in order to analyze how this variation occurs in the community. For the development of this research, we used the methodological theoretical assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008[1972]) that deals with variation and linguistic change and discusses the variable uses of language in its social context. Thus, after delimiting the dependent variable, we delimited the independent variables selected as potentially relevant in the variation under study, namely, formal parallelism, subject filling, morphic mark, phonic salience, verbal time, referent determination, sex / gender and age group. After delimiting the dependent and independent variables, we analyzed and coded all constructions with the application of the first person plural. For the quantitative analysis of the data, we used the computer program GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) that delimited the statistically non-significant variables and the statistically significant variable in the study variation, showing that there is a variation of "nós" and "a gente" in the studied community, and that the variant we are preferred to occupy the first person plural pronoun position, however, the results show that there is a dispute between the two variables, and that of all the variables analyzed in this work, the variation is conditioned by the formal parallelism factors, morphic mark, age group, sex / gender, subject filling and referent determination, leading us to argue that, in the speech of quilombolas who are not schooled, the first person plural pronoun position is a variable phenomenon.

KEYWORDS: Linguistic Variation; Quilombola Community Serra das Viúvas; "nós" and "a gente"; subject position.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de gente e a gente.....	20
Quadro 02: Os pronomes pessoais no português brasileiro.....	26
Quadro 03: Pronomes no português brasileiro culto contemporâneo.....	27

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Cidade de Água Branca.....	62
Figura 02: Igreja matriz na década de 80 e 2019.....	62
Figura 03: A escola da comunidade.....	64
Figura 04: Atividades do projeto Caminho Verde.....	66
Figura 05: Pedra do Vento.....	67
Figura 06: Café regional da comunidade.....	67
Figura 07: Sede da Associação.....	69
Figura 08: Artesanato produzido na comunidade.....	70
Figura 09: Festa da Consciência Negra 2018.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Nós e a gente na posição de sujeito: um caso de variação.....	72
Gráfico 02: Resultados da aplicação de nós e a gente de acordo com a variável Faixa Etária.....	78
Gráfico 03: Percentuais de a gente nas variáveis, faixa etária e sexo/gênero.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com o paralelismo formal.....	74
Tabela 02: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com a marca morfêmica.....	76
Tabela 03: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com a faixa etária.....	77
Tabela 04: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com o sexo/gênero.....	79
Tabela 05: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com o preenchimento do sujeito..	81
Tabela 06: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com a determinação do referente	82
Tabela 07: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com a saliência fônica.....	84
Tabela 08: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com o tempo verbal.....	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FENÔMENO EM ESTUDO.....	19
2.1 Nós e A gente: Descrição Histórica	19
2.2 Nós e A gente: Manuais Normativos e Descritivos	22
2.3 Nós e A gente: Estudos Sociolinguísticos.....	28
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	38
3.1 Sociolinguística Variacionista.....	38
3.2 Metodologia de Pesquisa.....	45
3.2.1 Hipóteses e objetivos.....	45
3.2.2 Coleta de dados.....	46
3.2.2.1 Seleção dos informantes	46
3.2.2.2 Entrevistas	49
3.2.2.3 Transcrição dos dados	50
3.2.2.4 Envelope de variação.....	51
3.2.3 Variáveis analisadas	52
3.2.3.1 Paralelismo formal.....	53
3.2.3.2 Preenchimento do sujeito	54
3.2.3.3 Marca morfêmica.....	55
3.2.3.4 Saliência fônica.....	56
3.2.3.5 Tempo verbal	56
3.2.3.6 Determinação do referente.....	57
3.2.3.7 Faixa etária	58
3.2.3.8 Sexo/gênero	59
3.2.4 GoldVarb X: análise estatística	59
4 A COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS.....	61
4.1 Aspectos Sociais da Comunidade	61
4.2 Aspectos Históricos da Comunidade	64
4.3 Aspectos Culturais da Comunidade.....	68
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	72

5.1 A variável Dependente Nós e A gente na Posição de Sujeito	72
5.2.1 Variáveis estatisticamente significativas	73
5.2.2 Paralelismo formal.....	73
5.2.3 Marca morfêmica.....	75
5.2.4 Faixa etária	77
5.2.5 Sexo/gênero	79
5.2.6 Preenchimento do sujeito	80
5.2.7 Determinação do referente	82
5.3 Variáveis Estatisticamente Não Significativas	83
5.3.1 Saliência fônica.....	83
5.3.2 Tempo verbal.....	84
CONCLUSÃO.....	87
REFERÊNCIAS	90

1 INTRODUÇÃO

A Teoria da Variação e Mudança Linguística foi proposta em 1960 por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, que, discordando de alguns aspectos das teorias linguísticas vigentes, perceberam a necessidade de uma vertente que contemplasse o estudo da língua em seu contexto social. Diante desse cenário, esses estudiosos propuseram um novo objeto de estudo para a linguística, recortando os aspectos que consideravam a relação entre linguagem e sociedade. Embora a fundação da teoria seja constantemente atribuída a Labov, os três teóricos foram os responsáveis pela corrente que trata da variação e mudança linguística.

O estudo da língua considerando os aspectos sociais surgiu como resposta aos modelos que consideravam a língua com fim em si mesma e desprovida de qualquer influência de ordem social. A fundação dessa teoria foi principalmente uma reação à concepção de língua como um sistema homogêneo, que desconsiderava o meio social e a fala do indivíduo e de grupos minoritários. De acordo com Labov (2008[1972]), a fala pode e deve ser estudada, há variações nas línguas e essas precisam ser analisadas, pois, variação e mudança linguística não são aleatórias nem acidentes na língua, mas estão atreladas a determinados contextos.

Os estudos da Sociolinguística Variacionista entendem as variações e as mudanças linguísticas como processo natural pelo qual todas as línguas passam, dessa forma, a heterogeneidade da língua é inerente ao sistema linguístico. A Sociolinguística Variacionista vê a língua como um fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferentes comunidades de fala, seus estudos ainda sugerem um modelo de língua que analisa o uso variável dos fenômenos linguísticos e os condicionamentos linguísticos e sociais que interferem nesses usos. Os estudos da Sociolinguística Variacionista nos auxiliam na compreensão de que as variações e mudanças nas línguas são processos naturais, e contribuem com o mapeamento do perfil sociolinguístico das comunidades de fala.

As pesquisas feitas no Brasil, com base nos pressupostos da teoria variacionista, ajudam no avanço de discussões sobre o uso real da língua portuguesa feito pelos brasileiros. Dentre as pesquisas realizadas no estado de Alagoas, podemos listar os estudos feitos sobre o quadro pronominal no estado, como Vitória (2016) e (2017), Feitosa (2017) e Silva (2018). As descrições sociolinguísticas das diversas variedades do português brasileiro, além de mostrarem

como está o quadro de variações da fala de determinados grupos, atestam que a língua é um fenômeno inerentemente variável e passível de sistematização.

É nesse contexto teórico que se insere a presente pesquisa, tendo em vista que objetivamos traçar o perfil sociolinguístico dos falantes da comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca, Alagoas em relação à variação do pronome de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito, com o intuito de verificar se há variação no sistema linguístico da comunidade. Assim, consideramos a Teoria da Variação e procuramos verificar se restrições linguísticas e/ou sociais condicionam a aplicação de *nós* e *a gente* na função de sujeito na comunidade de fala selecionada.

A variação entre *nós* e *a gente* é um fenômeno linguístico variável com pouca estigmatização (FREITAG, 2016; VITÓRIO, 2018) e sua utilização é constatada frequentemente em todas as camadas sociais, até mesmo em situações em que há alto grau de monitoramento. Cotidianamente, podemos observar a aplicação da variante inovadora *a gente* ao invés de *nós* em diversos meios de comunicação, como em rádios, programas televisionados, eventos, palestras, aulas, entrevistas entre outros.

As ocorrências da variante inovadora *a gente* normalmente passam despercebidas e não são apontadas como discordantes da norma padrão pelos falantes, sejam eles de qualquer camada social. No entanto, alguns gramáticos conservadores, como Cunha e Cintra (2008) e Cegalla (2008), não recomendam a utilização de *a gente* no lugar de *nós*, pois não consideram esse fenômeno linguístico variável e defendem a homogeneidade e pureza da língua, mesmo tendo ciência desses usos, em seus manuais normativos não consideram importante mencionar as variações que existem dentro do sistema linguístico do português.

Gramáticos como Bechara (2009) e Faraco *et al.* (2009), por sua vez, mencionam o uso variável de *nós* e *a gente*, no entanto explicam que uso de *a gente* deve ser feito apenas em situações não formais ou coloquiais. Observando a posição tomada por esses gramáticos, percebemos que há um desacordo entre o que eles afirmam e o que de fato ocorre na língua.

A Teoria da Variação e Mudança defende a ideia de que os usos variáveis do sistema linguístico não podem ser omitidos, uma vez que são utilizados cotidianamente. O que precisa haver é a conscientização da flexibilidade e heterogeneidade do sistema linguístico. Nesse contexto, acreditamos que a descrição sociolinguística das variantes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala da comunidade quilombola Serra das Viúvas explicitará e descreverá o

comportamento linguístico variável dessas variantes, tendo em vista que ainda não existe uma descrição variacionista de como essas formas ocorrem na língua falada da comunidade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, coletamos uma amostra sincrônica da fala de 20 informantes quilombolas não escolarizados, estratificada segundo as variáveis sociais sexo/gênero e faixa etária, durante o mês de março de 2016. Após a coleta dos dados, fizemos a transcrição de todas as entrevistas. Analisamos e codificamos todas as construções de aplicação do pronome de primeira pessoa do plural presente no *corpus*. Para a análise quantitativa dos dados, selecionamos as variáveis independentes paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal, determinação do referente, sexo/gênero e faixa etária, como explicitado na subseção 3.2.3, e utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Nosso trabalho é composto por quatro seções, conforme o exposto a seguir.

Na primeira seção, expomos a descrição histórica do processo de gramaticalização da variante *a gente*, em seguida, mostramos o que dizem as gramáticas normativas e descritivas de língua portuguesa acerca da alternância de *nós* e *a gente*, logo após, apresentamos alguns estudos sociolinguísticos que versam sobre *nós* e *a gente* na posição de sujeito.

Na segunda seção, apresentamos os pressupostos teóricos básicos da Teoria da Variação Linguística, seguida dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Também, apresentamos os objetivos e as hipóteses que norteiam este estudo, traçamos o perfil da comunidade estudada, detalhamos os procedimentos de coleta de dados e a composição desses para efeito de análise através da constituição do *corpus* da pesquisa. Descrevemos brevemente o programa GoldVarb X e as variáveis analisadas nesta pesquisa.

Na terceira seção, fizemos uma descrição da comunidade quilombola Serra das Viúvas. Para tanto, apresentamos os aspectos sociais que compõem a comunidade, em seguida, contamos a história e a formação da comunidade e também mostramos aspectos culturais preservados e desenvolvidos na comunidade.

Na quarta e última seção, apresentamos a descrição e análise dos dados, na qual definimos as variáveis dependentes e as variáveis independentes selecionadas como potencialmente relevantes nesta pesquisa e descrevemos os passos da análise quantitativa realizada no programa GoldVarb X. Demonstramos os resultados a que chegamos através da rodada realizada no programa computacional GoldVarb X. Os resultados das variáveis estatisticamente significativas

e das variáveis estatisticamente não significativas na variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas.

Esperamos não só que nossos objetivos sejam alcançados, esclarecendo o comportamento variável do fenômeno na comunidade, como também que esta pesquisa sirva de estímulo para o desenvolvimento de mais pesquisas linguísticas, principalmente de pesquisas na área da Teoria da Variação e Mudança Linguística nessa comunidade de fala.

2 FENÔMENO EM ESTUDO

Nesta seção, apresentamos uma breve exposição dos estudos que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, apresentamos a descrição da trajetória histórica do fenômeno variável *nós* e *a gente*, em seguida, abordamos como a variação *nós* e *a gente* é tratada nos estudos gramaticais, focalizando as abordagens das gramáticas normativas e das gramáticas descritivas brasileiras e, posteriormente, apresentamos o que a pesquisa sociolinguística vem mostrando sobre esse fenômeno em algumas variedades do português brasileiro.

2.1 Nós e a gente: descrição histórica

A gramaticalização é um processo que acontece nas línguas naturais e diz respeito à transformação de um item lexical para uma categoria gramatical. Quando ocorre o processo de gramaticalização de um item lexical, isto significa que este item foi rearranjado, cedendo ou adquirindo novos traços. Como a língua não é estática, ao longo do tempo, vários itens vão se reorganizando e modificando sua categoria gramatical e semântica. É o caso, por exemplo, do substantivo *gente*, que pertencia à classe de nomes e, através do processo de gramaticalização, passou a ser *a gente* e, portanto, foi inserido na classe dos pronomes.

A gramaticalização não é um processo que pode acontecer de qualquer maneira nas línguas, mas é um processo de mudança lento e gradual. Os estudos deste fenômeno são realizados através da comparação de dois momentos diferentes em uma mesma língua. No que diz respeito à mudança linguística, há sempre um estágio intermediário em que as variantes se conflituam irregularmente na fala num processo que pode perdurar por séculos. A gramaticalização pressupõe a coexistência de uma nova forma de utilização de um item e novos traços são adquiridos no item antigo. Isso significa considerar que haverá permanência de algumas propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas.

No português brasileiro, em relação à gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, Lopes (2004) argumenta que a forma *a gente* originou-se de uma expressão nominal, e, ao passar do tempo, perdeu a forma feminina, o traço formal de número, passando a se relacionar com adjetivos tanto no feminino quanto no masculino e ganhou o traço pessoa. O substantivo *gente*, ao assumir, determinadas propriedades, valores e funções, passou a fazer parte de outra

classe/categoria. Trata-se, pois, de um caso de gramaticalização que ocorre quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais.

No processo de gramaticalização de *gente* nome para *a gente* pronome, nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades pertencentes aos pronomes pessoais. A autora pontua que a forma gramaticalizada mantém do nome *gente* o traço formal de terceira pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de primeira pessoa do plural. Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na terceira pessoa do singular, como em '*a gente mora em Agua Branca*', há a pressuposição da existência de um falante mais alguém.

Lopes (1999; 2003) afirma ter havido as seguintes alterações no sistema de traços de *gente* > *a gente*, sintetizadas no quadro abaixo:

Quadro 01: Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de *gente* e *a gente*

TRAÇOS		GENTE	A GENTE
NÚMERO	FORMAL	[αpl]	[-pl]
	SEMÂNTICO	[+PL]	[+PL]
GÊNERO	FORMAL	[+fem]	[φ fem]
	SEMÂNTICO	[φFEM]	[αFEM]
PESSOA	FORMAL	[φeu]	[φeu]
	SEMÂNTICO	[φEU]	[+EU]

Fonte: (LOPES, 2003, p. 37)

Com a gramaticalização, a forma *a gente* passa a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas (*a gente está bonita/a gente está bonito*). Um outro aspecto refere-se à perda gradativa dos privilégios sintáticos da categoria nominal, como o fato de o nome *gente* poder ser determinado por anteposição (*aquela gente saiu*), posposição (*gente interessante saiu*) ou anteposição-posposição simultânea de determinantes no SN (*esta gente esperta saiu*), passando a assumir um dos atributos característicos dos pronomes pessoais que é o de não poder ser determinado no sintagma nominal, ocorrendo preferencialmente isolado no SN (*a gente saiu*). A possibilidade de determinação do nome, ao lado da impossibilidade de determinação do pronome pessoal, seria o principal fator que oporia uma classe à outra, determinando sua referenciabilidade (LOPES, 2004, n. p).

Com o objetivo de descrever o percurso histórico da mudança categorial do substantivo *gente* para o pronome *a gente*, Lopes (2002) realiza uma análise quantitativa com base em dados

do século XIII ao século XX, analisando os ambientes linguísticos e extralinguísticos mais favoráveis ao uso de uma ou de outra forma. A autora delimita cronologicamente a fase histórica em que se processa essa transição de nome para pronome, identificando as possíveis causas da pronominalização do vocábulo *gente* em português e o enquadramento desse fenômeno como uma mudança interna e externamente encaixada.

De acordo com os resultados de (a) *gente* em tempo real de longa duração, a autora mostra que o processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, uma vez que só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome no século XVIII. Antes disso, há exemplos em que a forma *a gente* apresenta ambiguidade interpretativa, com a forma *a gente* podendo ser interpretada como sinônimo de “pessoas” e também quanto variante de *nós*, como podemos observar nos exemplos (1) e (2).

- (1) “E o mesmo risco corre *a gente*, se não anda acompanhada (MNM, dado 4, p.28).” (LOPES, 2002, p.02).
- (2) “*Rosinha* - A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr *a gente* de queixo caído (JÚNIOR, 1882: 165).” (LOPES, 2002, p.02).

Os resultados mostram que, a partir do século XVII, houve um crescimento progressivo de ambiguidades na aplicação da forma *a gente*, refletindo um período de transição entre o uso da forma em questão exclusivamente como substantivo, e o início do emprego mais efetivo como pronome que ocorre a partir do século XIX. Segundo a pesquisa, os casos de leitura dúbia começam a se tornar constantes do século XVI em diante. O período transitório foi entre o século XVII e o XIX. A autora ressalta que houve um crescimento de casos considerados ambíguos que coincide com a diminuição do emprego de *gente* como sinônimo de pessoas. Do mesmo modo, conforme se configura a intensificação do emprego de *a gente* como forma pronominal do século XIX, a interpretação tem sua extinção.

Lopes (2004) realizou uma pesquisa diacrônica para perceber como ocorreu a gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, para isso utilizou duas amostras da fala culta carioca constituída por entrevistas de falantes cultos cariocas realizadas na década de 70 e na década de 90. De acordo com os resultados, a forma *a gente* apresentou altos índices em contextos indeterminados e ocorre mais frequentemente de forma isolada no sintagma nominal. Tais observações sugerem que, na pronominalização de nominais, o item lexical passa a ocupar

posições gramaticais mais fixas, tipicamente pronominais e assume um caráter mais genérico e indeterminado.

Com relação ao estudo em tempo real, a substituição de *nós* por *a gente* implementou-se de forma acelerada nos últimos vinte anos na fala carioca, principalmente, entre os falantes não cultos, apresentando, entretanto, um comportamento estável nesse grupo: as mesmas taxas de frequência nos dois períodos analisados. Já nos falantes cultos, há certa instabilidade dos anos 70 para os anos 90, pois o comportamento inverte nessas últimas décadas: *a gente* tornou-se mais usual que *nós*, assumindo o mesmo comportamento observado antes na fala popular do Rio de Janeiro: mudança de “baixo para cima”¹. A forma inovadora vai lentamente ganhando terreno de sua concorrente, mesmo que de maneira estável.

Estudos de tendências foram realizados no Rio de Janeiro (CALLOU; LOPES, 2004) comparando algumas amostras, mostraram que a substituição de *nós* por *a gente* está se efetivando progressivamente nos últimos 30 anos, entre os falantes cultos e não cultos. Na amostra NURC, relativa aos anos 70, o uso da forma mais antiga *nós* suplantava a forma inovadora *a gente*, mas a nova amostra referente à década de 90, com informantes diferentes, demonstra o contrário: há um uso mais frequente da forma inovadora, indicando uma acelerada implantação da substituição de *nós* por *a gente* na fala carioca.

A pesquisa de Omena (2003), com base na fala de indivíduos, nascidos no Rio de Janeiro, com nível de escolaridade médio (corpus do Projeto PEUL-CENSO), décadas de 80 e anos 2000, mostra que a comunidade não mudou, pois as proporções no uso das variantes continuam praticamente as mesmas. Aparentemente, a comunidade apresenta-se instável, quando se leva em conta os falantes cultos, mas quanto aos não cultos, há uma estabilidade no comportamento da comunidade de uma década para outra. Os índices percentuais nos anos 90 e nos anos 2000 tornaram-se praticamente os mesmos (entre 75 e 79%). A gradativa implementação da forma inovadora se disseminou pela comunidade, propagando-se de baixo para cima, assim como em Lopes (2004).

2.2 Nós e a gente: manuais normativos e descritivos

¹ De acordo com Lopes (2004), a mudança na utilização de *a gente* em lugar de *nós* aconteceu primeiramente nas classes sociais mais baixas, até alcançar as classes sociais mais elevadas.

Tendo em vista que os manuais normativos têm por objetivo prescrever e ordenar uma determinada língua, definindo suas normas e delimitando o que pode e o que não pode dentro dessa norma, portanto, tudo aquilo que fugir do padrão estabelecido é visto como “erro” ou “desvio”, pois há uma posição purista e padrão adotada, analisamos alguns manuais normativos com o intuito de perceber o que esses materiais afirmam com a relação à utilização da forma *a gente* em alternância com o pronome *nós*.

Cegalla (2008) afirma serem os pronomes palavras que substituem os substantivos ou que se determinam, indicando a pessoa do discurso é a que participa ou é objeto do ato da comunicação. Para o autor, há três pessoas do discurso, a primeira é representada pelo pronome *eu* no singular e *nós* no plural. A segunda pessoa é expressa pelo pronome *tu* no singular e *vós* no plural. Já a terceira pessoa é realizada através dos pronomes *ele, ela* no singular, e *eles, elas* no plural. Em relação aos pronomes pessoais, estes dividem-se em retos e oblíquos. Pronomes retos funcionam como sujeito da oração e os oblíquos funcionam como objeto ou complemento. O gramático nada comenta sobre a questão de variações ou possíveis possibilidades de variações de pronomes ou variantes.

Cunha e Cintra (2008) relatam que os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais e servem para representar substantivos e para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado. No que diz respeito aos pronomes pessoais, o autor os caracteriza por determinar as três pessoas gramaticais: quem fala: 1.^a pessoa (*eu*) singular (*nós*) plural; com quem se fala: 2.^a pessoa (*tu*) singular (*vós*) plural; de quem se fala: 3.^a (*ele, ela*) singular (*eles, elas*) plural. Os pronomes também podem variar conforme a função que desempenham na oração.

Para Bechara (2009), pronome é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso. Com relação às pessoas do discurso, Bechara (2009) diz que são duas as pessoas: 1.^a *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.^a *tu* (correspondente ao ouvinte). A 3.^a pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam dêixis (“o apontar para”), ou seja, estão habilitados como verdadeiros gestos verbais, como indicadores,

determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto. De acordo com a classificação gramatical, os pronomes podem ser classificados como: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

Quanto aos pronomes pessoais, Bechara (2009) afirma designarem as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*). O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu + eu*. As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. Em um espaço destinado às observações, o gramático admite que o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos, o verbo fica na 3.^a pessoa do singular.

Apesar da observação proposta pelo autor, a forma *a gente* não é incluída no seu quadro destinado aos pronomes do caso reto, comportamento semelhante aos demais gramáticos normativos. Esses gramáticos até evidenciam a existência do *a gente* na posição de pronome do caso reto, no entanto a variante não chega a fazer parte da norma padrão, visto que a forma pronominal *a gente* só deve ser utilizada apenas na fala informal.

Faraco *et al.* (2009) também afirmam que existem três pessoas do discurso: 1.^a pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural), 2.^a pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) 3.^a pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural); e definem que pronome é a palavra que designa de alguma maneira as pessoas do discurso ou se refere a elas. Os autores também ressaltam que, na linguagem coloquial, o pronome *nós* é frequentemente substituído por *a gente*.

As gramáticas descritivas, por sua vez, não prescrevem uma norma nem definem um padrão de língua, muito menos buscam julgar o correto e o incorreto, pelo contrário, procuram mostrar a língua como é em suas manifestações reais de uso. Essas gramáticas se embasam em teorias linguísticas, não havendo espaço para preconceito linguístico e contemplam a diversidade linguística, logo não se reduzem à norma padrão. Nesses termos, analisamos alguns manuais descritivos objetivando observar como é tratada a alternância *nós* e *a gente*.

Perini (2008) afirma que os pronomes pessoais são uma subclasse de substantivos. Essas palavras têm referências variáveis, por isso, existem condições sintáticas que determinam a referência dos pronomes dentro da oração. Na frase *Ricardo disse que Pedro o beliscou*, podemos entender o pronome como se referindo a Ricardo, mas não a Pedro, já em *Ricardo disse que Pedro se penteou*, o pronome remete a Pedro, e nunca a Ricardo.

Quanto às formas *nós* e *a gente*, o autor afirma que uma é equivalente a outra, e ambas incluem o falante e mais de uma pessoa, ressaltando que é necessário marcar o item *a gente* como uma exceção, embora seja semanticamente de “primeira pessoa”, ele é formalmente “terceira”. Perini (2010), na *Gramática do português brasileiro*, apresenta os pronomes por: eu, você, tu, ele (ela), nós vocês, eles (elas), além do se. O autor também resalta que existem alguns pronomes que exercem a posição de nominais comuns e a esses o *a gente* se inclui. Sendo nominais comuns, os pronomes pessoais que se referem ao interlocutor; no entanto, gramaticalmente não são diferentes dos outros sintagmas nominais.

Kato e Nascimento (2009) relatam que os pronomes pessoais vinculam informações semânticas e comportamento sintático e fonológico específico, ou seja, cada um vincula informação particular. Além da tradicional divisão entre retos e oblíquos, os pronomes pessoais também podem ser classificados como clíticos e pronomes plenos. A gramática de Kato e Nascimento (2009) analisa o português culto falado no Brasil e, em relação à variação entre *nós* e *a gente*, os autores mostram que há um predomínio da variante *nós* 53% contra 47% da variante *a gente*.

Castilho (2010), na *Nova gramática do português brasileiro*, admite a mudança pronominal, pois reconhece a mobilidade e dinamicidade da língua, tendo em vista que apresenta uma reorganização dos pronomes do português brasileiro:

Quadro 02: Os pronomes pessoais no português brasileiro

Pessoa	Português Formal		Português Informal	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa do singular	Eu	Me, mim, comigo	Eu, a gente	Eu, me, mim, prep + eu, mim
2ª pessoa do singular	Tu, você, o senhor, a senhora	Te, ti, contigo, prep + o senhor, com a senhora	Você, ocê, tu	Você, ocê, cê, te, ti, prep + você, ocê, (= docê, cocê)
3ª pessoa do singular	Ele, ela	O, a, lhe, se, si, consigo	Ele, ei, ela	Ele, ela, lhe, prep + a gente
1ª pessoa do plural	Nós	Nos, conosco	A gente	E gente, prep + a gente
2ª pessoa do plural	Vós, os senhores, as senhoras	Vos, convosco, prep + os senhores as senhoras	Vocês, ocês, cês	Vocês, ocês, cês, prep + vocês, ocês
3ª pessoa do plural	Eles, elas	Os, as, lhes, se, si, consigo	Eles, eis, elas	Eles, eis, elas, prep. + eles, eis, elas

Fonte: (CASTILHO 2010, p. 477)

Mesmo apresentando o quadro completo com as várias possibilidades, Castilho (2010) reconhece que o uso de *a gente* fica apenas para ocasiões informais, pois *nós* é a forma do português formal. Segundo o autor, *a gente* comuta constantemente com *nós* nos mesmos contextos de uso, o que significa dizer que os falantes compreendem *a gente* e *nós* como sinônimos. A forma *a gente*, sintagma nominal indefinido, quando expressa a primeira pessoa do plural, substitui o *nós* constantemente, e também, na língua não padrão, tanto *nós* como *a gente* levam o verbo para a quarta ou terceira pessoa do plural.

Na *Gramática pedagógica do português brasileiro*, Bagno (2012) descreve o funcionamento do português contemporâneo e apresenta a organização dos pronomes de primeira pessoa do plural da seguinte forma:

Quadro 03: Pronomes no português brasileiro culto contemporâneo

INDICADORES DA PRIMEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO CONTEMPORÂNEO									
Sujeito		Objeto Direto		Objeto indireto		Reflexivo		Complemento Oblíquo	
Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
Eu, me, mim	Nós, a gente	Me, eu	Nos, nós	Me, a mim, para mim, para eu	Nós, a nós, para nós, à gente, para a gente	Me	Nos, se	Mim, comigo	Nós, conosco, a gente

Fonte: (Bagno 2012, p. 1000)

O autor apresenta a forma *a gente* como concorrente do sujeito/pronome *nós*, também como objeto indireto em (*a gente/para a gente*), e complemento/oblíquo (*a gente* no sentido de adjunto adverbial), abordando as múltiplas funções da forma *a gente*, mostrando que sua utilização não se restringe apenas à função de sujeito, mas se expande para outras funções sintáticas. O autor ainda ressalta que há alguns poucos casos nos quais se encontra a forma *a gente* como complemento verbal. Entretanto, o autor também ressalta que não é comum o uso de *a gente* nas funções de complemento nominal e adjunto adnominal.

De todos os manuais descritivos analisados acima, é interessante ressaltar as posições de Castilho (2010) e Bagno (2012). Bagno (2012) considera todas as realizações de uso e mantém sua afirmação de que a forma *a gente* é mais abrangente do que observamos nos manuais normativos, superou a posição de sujeito e adentrou por outras funções sintáticas. Castilho (2010), por sua vez, adota uma posição purista de língua, quando afirma que a variante *a gente* fica apenas para as ocasiões informais, diferentemente do que se observa no cotidiano.

Os manuais descritivos analisados, de forma geral mostram uso o real da língua oral, bem como a aplicação da variante *a gente* no português brasileiro, visto que as formas de utilização de *a gente* apresentadas pelos autores são utilizadas na fala cotidiana, e são observáveis também nos meios de comunicação que são ambientes onde normalmente a norma padrão é utilizada.

2.3 Nós e a gente: estudos sociolinguísticos

A alternância das variantes *nós* e *a gente* tem sido um dos fenômenos mais estudado em diversas regiões do Brasil (cf. VIANNA; LOPES, 2015), sendo considerado um processo de mudança. Um fenômeno que ultrapassou as fronteiras da estigmatização e perpassa por todas as faixas etárias e todos os graus de escolarização do falante. A variação *nós* e *a gente*, mesmo não sendo um aspecto reconhecido pelos manuais normativos, é observável em todos os ambientes nos quais a oralidade é posta em funcionamento. A seguir, apresentamos alguns estudos realizados no Brasil acerca da alternância entre *nós* e *a gente*.

Seara (2000), no trabalho *Variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana*, mostrou os fatores condicionantes de maior relevância para a variação no uso das formas *nós* e *a gente* na posição de sujeito. As variáveis independentes foram divididas em dois grupos: linguísticos e sociais. Entre os grupos de fatores linguísticos, controlou Tempo Verbal, Graus de Conexão do Discurso, Fluxo Discursivo, Marca de Primeira Pessoa do Plural na Forma Verbal, Traço Semântico do Sujeito, Paralelismo Formal e Status Sintático da Oração. Os fatores sociais condicionantes testados foram: Sexo, Faixa Etária e Escolaridade.

A autora verificou que *a gente* é a mais frequente do que *nós*, bem como que, nos tempos verbais em que há menor saliência fônica na diferença entre a terceira pessoa do singular e a primeira do plural, como no pretérito imperfeito, há maior probabilidade de uso de *a gente*. Constatou ainda que se preserva a predominância de *a gente* em frases cujo sujeito é indeterminado semanticamente, ou seja, o traço [-específico] continua associado à variante *a gente*, no entanto o traço [+específico] também passa a ser associado a essa variante. Também era do objetivo da pesquisa verificar se a variação em questão passava por um processo de mudança, e, ao que tudo indicou, há efetivamente um processo de mudança em curso.

Tamanine (2002), ao analisar as entrevista realizadas nas cidades catarinenses de Chapecó, Blumenau e Lages do banco de dados do Projeto VARSUL, constatou que os resultados da investigação sobre a alternância pronominal *nós/ a gente* no interior de Santa Catarina apresentaram informações relevantes. O resultado geral do estudo mostrou o uso do pronome *a gente* suplantando o uso do pronome *nós* como referência à primeira pessoa do plural. A autora verificou que foi a variável social faixa etária que se constituiu como o fator mais

relevante para determinar a mudança em direção à substituição de *nós* por *a gente*, tanto nas ocorrências isoladas quanto nas ocorrências em sequências.

No que diz respeito ao grupo de fatores localidade, a autora considerou interessante destacar que a cidade representante da formação étnica alemã, Blumenau, mostrou a maior tendência de uso de *a gente*. Lages, fundada por paulistas, ocupou uma posição intermediária na tendência para o uso da forma nova em relação às outras duas cidades. Por outro lado, Chapecó, constituída por gaúchos descendentes de italianos, foi a localidade que apresentou maior tendência para o uso de *nós*, foi a cidade com os menores índices para o uso de *a gente*. Chapecó revelou-se como um reduto do uso de *nós*, principalmente na fala dos homens.

Para a variável escolaridade, os dados mostraram que o ginásio apareceu como o nível de escolarização que mais apresentou tendência para o uso de *a gente*. Em todas as rodadas, a variável sexo foi selecionada, com os homens aparecendo na vanguarda da mudança.

Quanto a fatores linguísticos, na determinação do referente, percebeu-se outro aspecto importante: *a gente*, ao ganhar espaço como referência à primeira pessoa do plural, teve de assumir mais características de determinação. Com isso, foi perdendo terreno na indicação de um *a gente* indeterminado. Em contrapartida, o pronome *nós* apresentou favorecimento de ocorrência em contextos indeterminadores, o que pode representar um deslocamento realizado pelo pronome canônico a fim de assegurar a sua sobrevivência no sistema.

Também foi observada nos resultados a força do fator linguístico paralelismo, cujo princípio é de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, ou seja, a partir da primeira forma usada pelo falante em relação a um dos pronomes e a uma das marcas verbais consideradas. A maior tendência apontou para aquelas que se iniciavam pelo pronome inovador *a gente*. Apesar de a mudança de *nós* para *a gente* ter sido a mais recorrente, não foi encontrada claramente entre os fatores testados alguma responsabilidade direta que pudesse explicar de maneira coerente o porquê dessa alternância.

O quadro geral da amostra apontou para um número de dados muito superior de ocorrências isoladas em relação às ocorrências em sequência. No entanto, os resultados probabilísticos obtidos são mais interessantes ainda quando contrastados aos das ocorrências isoladas, como o uso de *a gente* ser mais frequente entre homens, enquanto nas isoladas a maior frequência ocorreu entre as mulheres. Segundo a pesquisadora, as diferenças apresentadas entre

ocorrências isoladas e ocorrências em seqüências não alteraram a constatação da progressão do uso de *a gente* como pronome de primeira pessoa.

Omena (2003), na pesquisa *A referência a primeira pessoa do plural, variação e mudança*, procurou responder por qual fase passa esse fenômeno variável, se variação estável ou mudança em progresso. O estudo do tipo tendência mostrou que, em termos de porcentagem geral do uso das formas, a variante *a gente* continua a predominar sobre a forma pronominal mais antiga na função de sujeito. A pesquisa serviu-se da amostra do projeto Censo, coletada nos anos 2000 em comparação com os resultados obtidos na década de 1980. Os resultados da comparação de desempenho de 32 falantes da amostra 80 (C) e da amostra 00 (C) demonstram que, em relação ao uso dessa variável, a comunidade não mudou.

Os resultados gerais apontaram um percentual de 78% para a variante *nós* na amostra 80 (C) e 79% da variante inovadora *a gente* na amostra 00 (C) Para a autora, os resultados parecem demonstrar que os indivíduos tendem a mudar seu comportamento linguístico quando passam de uma faixa etária para a outra. Segundo Omena (2003), é possível constatar que a mudança que se iniciou por volta do século XVIII.

No que diz respeito à escolaridade dos informantes, há uma predominância na utilização da variante agente entre os falantes do primeiro segmento, ensino fundamental e do ensino médio, como uma significativa queda desse uso no segundo segmento ao ensino fundamental. O uso de *a gente* por *nós* não parece estigmatizado no desempenho oral do falante. De acordo com Omena (2003), não é o aumento da escolarização que faz recuar o uso do *a gente*, mas o fato de o falante ser das últimas séries do ensino fundamental e talvez ter estudado ou estar estudando as conjugações verbais.

Fernandes (2004), ao analisar a variação *nós* e *a gente* na cidade de João Pessoa, mostra um percentual de – 79% de *a gente* contra 21% de *nós*. De acordo com os resultados, as frequências relativas à aplicação de *a gente* foram superiores em todos os níveis de escolarização. Observou-se o índice de 90% de aplicação para analfabetos e valores bastante aproximados para os demais fatores do grupo. Os resultados mostraram que o grau de escolarização influencia sutilmente a escolha das formas. Em todas as faixas etárias, os falantes de João Pessoa apresentaram preferência pela forma *a gente*. A interação entre variáveis faixa etária e sexo demonstrou que as diferenças na aplicação da regra variável entre homens e mulheres de João Pessoa foi bastante sutil em todas as faixas etárias.

Mendes (2007), em seu trabalho intitulado *o perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte no português popular do interior da Bahia*, constatou que a forma *a gente* foi a preferida pelos falantes com um percentual de 93% dos casos. Fatores sociais de influência para a forma inovadora foi a faixa etária da meia idade. Algo diferente no resultado desta autora foi a faixa etária jovem, que apareceu com baixa produção da forma *a gente*. Houve também predominância de *a gente* na sede do município e conservação da forma padrão na zona rural do município caracterizado pela forma inovadora.

O estudo concluiu que, independentemente do que a variável faixa etária indicar, o uso de *a gente* é amplamente majoritário no município de Santo Antônio de Jesus, refletindo um processo de mudança em curso que vem de fora, certamente trazido pelos falantes que têm mais contato com os grandes centros urbanos, ou na fala dos que estão mais expostos aos meios de comunicação.

Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) pesquisaram algumas comunidades com descendência afro no Brasil. A sua base de dados foi retirada de uma amostra de fala constituída por 24 entrevistas de tipo sociolinguístico realizadas com moradores de quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas de quatro diferentes regiões do Estado da Bahia, no período de 1992 a 2002. Todos os informantes tinham pouca ou nenhuma escolaridade, e alguns viveram por mais de seis meses fora da comunidade, trabalhando em centros urbanos.

Na composição da amostra, os informantes foram distribuídos equitativamente por sexo e faixa etária e a amostra de fala foi estruturada de acordo com as seguintes variáveis: (i) comunidade: Sapé (Município de Valença, no Recôncavo Baiano), Helvécia (Município e Nova Viçosa, no Extremo Sul), Barra e Bananal (Município de Rio de Contas, na Chapada Diamantina), Cinzento (Município de Planalto, na região do Semiárido); (ii) sexo: masculino e feminino; (iii) idade: faixa 1, 20 a 40 anos; faixa 2, 41 a 60 anos; faixa 3, mais de 60 anos; (iv) escolaridade: semianalfabeto e analfabeto; (v) estada fora da comunidade: para figurar com valor positivo, o falante deveria ter vivido pelo menos seis meses fora da comunidade.

Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), na análise quantitativa da variação na representação da primeira pessoa do plural em quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas do interior do Estado da Bahia focalizando o seu encaixamento linguístico, não obteve resultados diferentes dos já alcançados na análise de outras variedades do português brasileiro. Apesar de predominar em todos os níveis de referencialidade, a variante inovadora *a gente* é ainda mais frequente nos

contextos de referência genérica, o que, segundo a pesquisa, está associado ao significado original dessa forma, que remete à ideia de ‘coletividade’.

Como consequência dessa correlação, *a gente* é a forma preferida em textos argumentativos e descritivos, quando o falante se refere genericamente a processos e sujeitos não especificados, enquanto o uso de *nós* aumenta em textos narrativos, que se referem a eventos e a gentes específicos. Dentro da análise, o paralelismo discursivo também se revelou um fator condicionador da escolha do falante, pois, se ele selecionava a forma *a gente*, e, sobretudo, a forma *nós*, numa determinada oração, houve a mesma escolha na oração seguinte.

No que diz respeito ao encaixamento social, o quadro que emergiu foi o de uma mudança em curso em favor de *a gente*, com uma curva ascendente no gráfico da variável faixa etária, demonstrando que os mais jovens são os que mais usam a forma inovadora e os mais velhos aqueles que mais conservam o uso do pronome canônico *nós*. Essa mudança é liderada pelos indivíduos com algum contato com escolarização.

Para os autores, a maior frequência de uso de *a gente vis-à-vis* às variedades urbanas do português brasileiro não indica uma mudança de cima para baixo, através de um processo de difusão linguística a partir dos grandes centros urbanos, como se observa em relação a outras variáveis linguísticas. Ao contrário, a implementação da forma *a gente* parece constituir uma mudança linguística de baixo para cima, sendo liderada pelas variedades populares do português brasileiro.

A frequência entre as comunidades analisadas demonstrou um processo de difusão da mudança a partir do Recôncavo Baiano. A origem da mudança na região do Recôncavo Baiano reforça a ideia de que o contato entre línguas teria impulsionado a substituição de *nós* por *a gente*, o que se coaduna com o fato de esse processo estar mais avançado no Brasil e em Moçambique do que em Portugal. Segundo Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), esse tipo de substituição não corresponde a uma mudança típica de situações de contato maciço e radical entre línguas, tanto que não ocorre em qualquer crioulo português da África. Dessa maneira, se o contato entre línguas pode ter influenciado a substituição do pronome *nós* pela forma *a gente*, certamente não foi o seu fator desencadeador.

Rubio (2015) analisou a alternância pronominal entre *nós* e *a gente* e concordância verbal relacionada a cada a essas formas pronominais, a partir de resultados de alguns estudos já realizados com base em variedades do português brasileiro e europeu. Ao observar a

concordância verbal de primeira pessoa do plural nas variedades pesquisadas, verificou características diferentes em relação ao uso de formas verbais. No português brasileiro, evidenciou-se uma frequência considerável de uso de formas verbais de terceira pessoa do singular junto do pronome *nós* (14,5%), enquanto que, no português europeu, o uso de formas verbais de terceira pessoa do singular não ocorre nesse contexto, sendo categórica a regra de uso de primeira pessoa do plural (ao menos nas amostras consideradas).

Com relação à concordância verbal com o pronome *a gente*, os resultados demonstram haver maior variação na variedade lusitana do que na brasileira. O uso de formas verbais em terceira pessoa do singular junto da forma pronominal *a gente* foi de 94% no português brasileiro e de 75,5% no português europeu, ou seja, o emprego de primeira pessoa do plural com *a gente* é quase 20% menor nas amostras de Portugal.

A forma inovadora *a gente* predomina sobre a forma pronominal conservadora *nós* nos dados do português brasileiro – 73,8%. Ao considerar, porém, as frequências obtidas para amostras do português europeu, verificou o predomínio da forma padrão *nós* sobre a forma não padrão *a gente* – 58% e 42%, respectivamente. O autor defende que, para comunidades em que as formas verbais em terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural ocorrem variavelmente junto das formas pronominais *nós* e *a gente*, é necessária a observação do contexto anterior com forma explícita a fim de determinar se o contexto é um caso de *nós implícito* ou um caso de *a gente implícito*.

Vianna e Lopes (2015) fizeram um levantamento de alguns estudos realizados nas diferentes regiões do Brasil nos últimos trinta anos. A pesquisa relatou que, na região Sul, estudos acerca da alternância de *nós* e *a gente* já foram realizados de forma abundante, nos três estados do Sul, também em cidades e capitais. O foco das pesquisas da região Sudeste e Nordeste recai sobre as capitais. No entanto, no Sudeste, os trabalhos foram realizados em todos os estados (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santos). Já, no Nordeste, há investigações realizadas na Paraíba, Bahia e Maranhão. Na região Centro-Oeste, os estudos foram realizados em menos número que nas demais regiões, pois há descrições em apenas um estado, Goiás. Na região Norte, a variação em questão ainda não contabilizava nenhuma descrição com base na sociolinguística quantitativa laboviana.

De acordo com Vianna e Lopes (2015), com exceção de Curitiba, nas cidades de Porto Alegre, Vitória, Belo Horizonte e João Pessoa, os índices de *a gente* apresentam percentuais

superiores a 60% de frequência de uso. No Rio de Janeiro, os resultados vão em direção da substituição de *nós* por *a gente* e os falantes cultos apresentavam comportamento linguístico distintos dos não cultos nas décadas de 70-80. Entretanto, vinte anos depois, os falantes cultos assumiram comportamento semelhante ao outro grupo, pois a frequência de uso do *a gente* nos anos 90 e nos anos 2000 tornaram-se praticamente a mesma 75% e 80%. Os resultados evidenciam que o emprego de *a gente* se generalizou na comunidade, não sendo apenas um traço específico de falantes com pouca escolarização.

Ainda de acordo com o levantamento de Vianna e Lopes (2015), nas capitais, há semelhanças com relação ao uso da variante *a gente* e algumas divergências. Todos os resultados mostram que a variante *a gente* em todas as capitais excede ao uso de *nós*, ou seja, em algumas regiões, o uso de *a gente* está mais avançado do que o uso de *nós*. Em João Pessoa, por exemplo, há 79% de realizações entre cultos e não cultos, a Bahia apresenta 93% com os menos escolarizados. Observou-se também que Curitiba é a capital que mais opta pela variante conservadora, com 54% de uso de *a gente*.

Nas pesquisas apresentadas pelas autoras, os principais condicionadores da variante *a gente* são faixa etária, gênero/sexo, paralelismo formal, preenchimento do sujeito e a observação da variação diatópica entre as regiões interioranas e as capitais. Na faixa etária, destaca-se o favorecimento de *a gente* na faixa etária dos jovens e adultos. A variável gênero/sexo também se mostra como relevante, uma vez que a maioria dos homens tende a ser mais conservadores e as mulheres adeptas da variante inovadora.

É importante também observar o condicionador paralelismo formal, tendo em vista que a escolha da primeira forma pronominal ocasiona a realização das formas subsequentes. É possível também perceber, nas pesquisas explanadas pelas autoras, que a realização implícita do sujeito pronominal desfavorece o uso de *a gente*, assim a variante *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente. É importante também destacar que há uma predominância pela variante conservadora *nós* em regiões interioranas e preferência pela variante inovadora *a gente* nas capitais.

Vitório (2016), em seu estudo *Variação nós e a gente na fala culta da cidade de Maceió*, analisou a variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, com o intuito de checar o percentual de uso dessas variantes e os grupos de fatores que interferem nessa variação. De acordo com os resultados obtidos, observou-se que *a gente* é a variante preferida na fala culta maceioense – 80%

versus 20% de uso de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, preenchimento do sujeito e faixa etária, com o pronome *a gente* sendo mais frequente nos seguintes contextos: *a gente* antecedido por *a gente*, expressão plena do sujeito pronominal e falantes mais jovens, revelando um processo de mudança linguística na comunidade estudada.

Feitosa (2017) analisou *a variação de nós e a gente na posição de sujeito no sertão alagoano*. Para tanto, utilizou de uma amostra composta por 96 entrevistas da comunidade de fala do sertão alagoano, que foi coletada no ano de 2015 e pertence ao banco de dados do grupo de pesquisa A Língua Usada no Sertão Alagoano - Lusa. A amostra está estratificada de acordo com as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Após a análise dos dados, o estudo obteve 23% de *nós* versus 77% de *a gente*, como também mostra que o pronome inovador *a gente* é a variante preferida para representar a primeira pessoa do plural na posição sintática de sujeito entre os falantes do sertão de Alagoas.

De acordo com os resultados de Feitosa (2017), a variação *nós* e *a gente* não ocorre de forma aleatória na fala dos entrevistados, mas sim motivada por grupos de fatores linguísticos e sociais. Dentre os grupos de fatores sociais e linguísticos selecionados pela pesquisa, a autora apresenta marca morfêmica, paralelismo formal e escolaridade, com os grupos de fatores preenchimento do sujeito, faixa etária e sexo/gênero selecionados como estatisticamente não significativos pelo programa.

Em relação à primeira variável selecionada como estatisticamente significativa, marca morfêmica, a forma pronominal *nós* tende a ser mais frequente com morfema - mos, apresentando um percentual de 80% e 20% para *a gente*. Mas, nos contextos em que o morfema-zero foi realizado, a variável apresentou um percentual de 93% para *a gente* e 7% para *nós*, evidenciando que, na fala analisada, as realizações de *a gente* tende a ocorrer com a marca morfêmica – zero. Assim, a forma pronominal *nós* tende a ser mais favorecida quando o morfema - mos é realizado.

A segunda variável selecionada como estatisticamente significativa foi paralelismo formal, que, em todos os fatores, exceto em antecedido por *nós*, apresentou um percentual mais elevado do pronome *a gente*. Porém, percebeu-se que o *a gente* apareceu com maior percentual no fator antecedido por *a gente*, enquanto o *nós* mostrou-se com percentual mais elevado no fator antecedido por *nós*. A escolaridade foi a terceira e última variável estatisticamente significativa, apresentando o pronome *a gente* com maior frequência em todos os níveis de escolaridade,

porém, essa variante apresentou-se com um percentual mais elevado entre os informantes de nível superior.

Feitosa (2017) observou que, em relação à variável linguística preenchimento do sujeito, a forma inovadora *a gente* é mais favorecida quando realizada foneticamente, apresentando percentual de 83%. O uso da forma pronominal *a gente* aparece com maior frequência de uso em todas as faixas etárias e tanto o uso do *nós* quanto do *a gente* apresentaram comportamentos bem parecidos. Para a pesquisadora, essa evidência mostra que não há uma mudança em progresso, mas sim uma variação estável, uma vez que a variação *nós/a gente* apresenta uma distribuição equilibrada nessa variável. Quanto variável sexo/gênero, as mulheres realizam mais a forma *a gente*, apresentando percentual de 80% de uso.

Foeger *et al.* (2017) analisaram *a primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: Correlação entre alternância e concordância*, focalizando o papel das variáveis linguísticas tempo verbal e saliência fônica e também faixa etária e interação com entrevistador. O estudo demonstrou que a alternância pronominal e concordância estão ligadas e há um forte encaixamento linguístico e social. Os resultados confirmaram que a implementação da forma inovadora se processa de modo divergente na capital e na comunidade rural estudada devido à forma de organização social dos dois ambientes que se dão de maneira diferenciada. O estudo destaca a implementação da forma *a gente* em contexto de “fuga de concordância”.

Em relação ao tempo verbal, percebeu-se ambiguidade entre presente e pretérito perfeito no uso de *nós*, e o falante para desfazê-la substituía o *nós* por *a gente*. Quando não fazia a substituição, deixava de fazer a concordância no presente e reservava o morfema -mos para marcar o pretérito e a forma zero ou ausência de -mos para marcar o presente. A implementação de *a gente* é favorável em contextos de “fuga a não concordância” e *nós* é favorecido em contextos em que há ambiguidade de não concordância. Da mesma forma, verbos menos salientes favoreciam *a gente* ou a ausência de concordância com *nós*. Observou-se também que homens de 26 a 49 anos são os que mais usam *a gente*. Por fim, os autores ressaltaram que o uso de *nós* é mais frequente quando a interação é com a entrevistadora natural da comunidade.

Na análise geral dos dados, a pesquisa observou 53,9% das ocorrências da forma *a gente* e 46,1% de ocorrências de *nós*. Os resultados da pesquisa foram comparados aos resultados de outra realizada em Vitória que é a capital do estado. O estudo levantou a hipótese de uma maior resistência da variante *nós* em Santa Leopoldina e a implementação de *a gente* está mais

avançada em Vitória. Esse fato pode estar relacionado ao fenômeno da concordância. A ausência do morfema -mos junto ao pronome *nós* cerca de 52, 5% [429/817] em Santa Leopoldina. O resultado também mostrou que à medida que o tempo vai passando o falante tende a adotar um comportamento mais conservador e assim opta pelo uso de *nós*.

De forma geral, observamos que os resultados obtidos, pela descrição sociolinguística, mostram a presença constante da variação entre as formas *nós* e *a gente*, seja na fala culta ou na não culta, com a predominância da variante inovadora, que, aparentemente livre de juízo de valor (VITÓRIO, 2017), circula facilmente por diversos ambientes e contextos, contrariando as normas prescritas nos manuais normativos. No entanto, no estado de Alagoas, há poucas pesquisas sobre esse fenômeno linguístico variável (VITÓRIO, 2016; 2017; FEITOSA, 2017) e, para suprir essa lacuna, analisamos a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas, localizada no sertão alagoano.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que embasam o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, expomos os pressupostos teóricos básicos da Sociolinguística Variacionista. Em seguida, expomos o caminho percorrido para a descrição e análise da variação de *nós* e *a gente* na função de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas. Assim, apresentamos os objetivos e as hipóteses da pesquisa, abordamos a constituição do *corpus*, descrevemos como e quando ocorreu a coleta de dados, apresentamos os critérios e procedimentos para a transcrição dos dados, as variáveis analisadas e, por último, discorremos acerca do programa GoldVarb X e análise estatística.

3.1 Sociolinguística variacionista

As reflexões e os estudos no âmbito da linguagem humana já eram realizados desde a antiguidade, mesmo que indiretamente, pelos gramáticos gregos e romanos. Esses estudos eram de cunho normativo e prescritivo, e podemos apontá-los como percussores da preocupação acerca dos estudos da língua. Posteriormente, podemos observar várias tentativas de elucidar o estudo da linguagem através de algumas correntes teóricas.

A linguística como estudo da língua teve origem na Alemanha por volta do século XIX, época em que o país vivia um processo de valorização de sua língua e sua cultura. Como a língua alemã era considerada uma língua bárbara, originou-se daí a necessidade de desenvolver estudos que apresentassem as características comuns entre as línguas clássicas e as germânicas, e assim provassem que a língua alemã não era bárbara, pois, de acordo com as prévias observações dos falantes, apresentava características de uma língua clássica. A esse respeito Robins (1979) pontua que:

Sob todos os pontos de vistas, foram de grande valor as conquistas do século XIX, e se pode atribuir boa parte dessas conquistas aos estudos linguísticos desenvolvidos pelas universidades alemãs, merecedores, com toda justiça, da fama de que então desfrutavam (ROBINS, 1979, p. 156).

Para obter a constatação de semelhanças e diferenças entre as línguas, estas eram postas em comparação, neste momento emergem as pesquisas das gramáticas comparadas, que eram a relação de aproximação entre línguas. O processo de comparação consistia em trazer material

linguístico e provar as proximidades nas línguas, tais observações e análises possibilitavam a constatação de famílias linguísticas. A linguística do século XIX já se definia pela necessidade de análise e explicações para fatos da língua. Assim sendo, Robins (1979) ressalta que:

Como alguém recentemente declarou, o pensamento neogramático configura uma das etapas mais importantes da história da linguística nos dois últimos séculos. As repercussões desse pensamento são múltiplas, pois deu novo impulso à ciência linguística e provocou a reação imediata dos estudiosos da época e também a reação de estudiosos de épocas posteriores (ROBINS, 1979, p. 150).

Tendo em vista estes acontecimentos, podemos afirmar que, a linguística como área científica teve origem no século XIX, embora tenha adquirido destaque apenas no século XX, com os postulados que foram atribuídos a Ferdinand de Saussure. Ao sistematizar a língua e dar a ela uma nova metodologia para análise, o Curso de Linguística Geral (1916) ocasionou uma ruptura com estudos vigentes. Saussure era um linguista do século XIX que, por propor um novo modelo teórico, conseguiu ascender a linguística no século XX.

Os postulados do Curso de Linguística Geral operaram um corte epistemológico nos estudos da língua. A nova metodologia para análise da língua era em suma a linguística sincrônica que veio a dar novos rumos à história da língua e, por tal ousadia e consistência nos seus pressupostos teóricos, Saussure recebeu o título de pai da linguística moderna. Para delimitar o objeto da linguística, a nova teoria afirmava ser a linguagem composta por língua e fala e a linguística se interessava em dar conta dos estudos sincrônicos da língua.

Segundo as premissas saussurianas, a fala não precisaria ser estudada, visto que era de difícil sistematização. Para o pai da linguística moderna, a língua era um conjunto fechado homogêneo, com regularidades, era também estática, e, por isso, sem brechas para variações e mudanças. Questões referentes a variações estariam envolvidas na fala. No entanto, a fala, naquele primeiro momento de delimitação da linguística como ciência, não era o enfoque dos postulados apresentados no Curso de Linguística Geral.

Questão como variação e mudança linguística já eram concebidas como um fenômeno no século XIX. Entretanto, eram encaradas como um problema na língua. Foi a comparação das línguas que gerou a necessidade de explicar a mudança linguística. Nos estudos realizados, fica evidente que a mudança é regular e não aleatória e estava atrelada a determinados contextos de combinação, “muito antes do século XIX, já se havia notado que as línguas mudam, mas aquele século se distinguiu como período mais vigoroso da linguística histórica” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.39).

A Sociolinguística teve suas primeiras manifestações na década de 60 nos Estados Unidos da América, e se distingue por abordar o contexto social dos indivíduos e unir a linguística e a sociologia, pois reflete acerca da linguagem e sociedade, estabelecendo relações entre ambas e mostrando as influências de uma na outra, considerando os processos de variação e mudança linguística.

A Sociolinguística Variacionista é uma das subáreas da linguística, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança, Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Quantitativa. Os estudos apresentados pela sociolinguística variacionista dão ênfase ao aspecto social em análises sobre o sistema linguístico, em oposição ao mito da homogeneidade linguística adotado pelo Estruturalismo e Gerativismo. Tem como principal representante o linguista americano William Labov, que, com a orientação do professor Uriel Weinreich, defende a tese de que a língua apresenta uma sistematicidade ordenada.

Os estudos da Sociolinguística Variacionista se contrapõem aos postulados de Saussure em diversas questões, um exemplo é quando Saussure afirma que o estudo da língua pode ser feito por meio da sincronia e diacronia, no entanto, selecionou a sincronia para análise da língua. Saussure considerava muito difícil o indivíduo poder voltar ao passado para analisar a língua que não tinha nenhum registro, e, como afirmava ser a língua estática e homogênea, isso não seria necessário, visto que a língua não se modificava.

A pesquisa na Sociolinguística, por sua vez, pode ser realizada tanto sincrônica como diacronicamente. Tendo em vista esta afirmação, o pesquisador pode selecionar uma amostra sincrônica, ou seja, de um dado tempo de fala de uma determinada comunidade e fazer uma análise. Mas também pode selecionar duas amostras de dois tempos de fala de uma mesma comunidade e fazer uma análise diacrônica dos dados, que é, na verdade, um comparativo da evolução da língua dessa comunidade. Na Sociolinguística, o termo evolução sempre está relacionado com mudança linguística, que pode ser analisada em tempo aparente² e tempo real³.

A proposta da Sociolinguística também vai contra o princípio da imanência levantado por Saussure, que dizia que os fatos linguísticos são explicados através de outros fatos linguísticos. Tudo o que acontece na língua é motivado e explicado por meio da própria estrutura da língua,

² Consiste em analisar faixas etárias diferentes para observar o comportamento de uma comunidade em relação a um dado fenômeno a partir dos diferentes estágios.

³ Estudo de um mesmo fenômeno realizado em dois ou mais recortes de tempo para observar o comportamento linguístico de uma determinada comunidade.

pela atuação de forças internas, sem influência de nenhuma força externa. A Sociolinguística sustenta a afirmação de que os fatos da língua também são influenciados por fatores externos, esses fatores são chamados de condicionadores, visto que são eles que apontam as escolhas de uma comunidade de fala sobre uma variante em detrimento de outra.

A sociolinguística propõe que língua e sociedade estão intrinsicamente ligadas e isso é inquestionável, uma vez que aspectos sociais refletem na língua e vice-versa. Para provar a existência de variação e mudança dentro de uma mesma língua, a Sociolinguística Variacionista rompe com o mito de línguas homogêneas e invariáveis, aponta variações e mudanças dentro de uma mesma língua e mostra que a fala de uma comunidade pode ser estudada. Tais investigações consideravam o contexto social importante para a resolução das questões linguísticas, pois a relação entre língua e sociedade é indispensável.

Os teóricos dessa vertente problematizaram o caráter social do sistema linguístico e a variabilidade inerente que existe nesse sistema. Seus estudos demonstravam que a fala é também regida por influências históricas, sociais, estilística. A fala é assumidamente o seu objeto de descrição e análise, por isso constantemente o sociolinguista criticava a decisão de algumas vertentes da linguística por excluir a fala dos estudos linguísticos. Nesse sentido, Labov (2008[1972]) considera que:

Os linguistas deram, sim, o passo um tanto incomum de redefinir o campo, de modo que o uso cotidiano da língua na comunidade fosse posto fora da linguística propriamente dita – chamando-o de fala, e não de língua. Em vez de se preocupar com as dificuldades de lidar com esse material, os linguistas consideraram simplesmente desnecessário, em termos teóricos dar conta dele. De fato, alegou-se que um linguista não deveria se ocupar dos fatos da fala (LABOV, 2008, p. 298).

Ciente de que questões sociais estão diretamente ligadas ao comportamento do falante, a Sociolinguística Variacionista prioriza a fala como objeto de estudo, sugerindo que através de observações e análises da fala, poderemos compreender informações no comunicar do outro, assim, a fala pode denunciar o falante, quanto à sua idade, classe social, escolaridade, bem como fenômenos de variação e mudança linguística.

Ancorada nas influências existentes, a Sociolinguística Variacionista investiga a língua e a sociedade que a constitui, focalizando a relação entre aspectos linguísticos e aspectos sociais, sendo a língua variável no tempo e no espaço. Assim, a variação linguística é uma característica natural da língua humana, língua essa que se define por não ser homogênea, mas múltipla,

dinâmica e flexível, o que implica considerar que a variação é uma constante na língua e não acontece por acaso, mas é motivada por restrições linguísticas e sociais e pode desencadear uma mudança dentro do sistema linguístico.

Os condicionadores em um caso de variação são os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que permite ao linguista sugerir em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival (is)” (COELHO *et al.*, 2019, p.20).

Os condicionadores são os facilitadores na delimitação dos contextos mais propícios para a ocorrência das variantes e são divididos em dois grupos, sendo eles condicionadores internos e condicionadores externos, são assim denominados por estarem ligados a aspectos internos ou externos do sistema linguístico. No primeiro caso, são por vezes também chamados de condicionadores linguísticos; exemplos é a ordem dos constituintes, a categoria das palavras ou construções envolvidas, aspectos semânticos etc. Já no segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos ou sociais; entre eles, os mais utilizados são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante.

O controle da frequência de ocorrência de formas variantes é evidenciado através dos condicionadores linguísticos e sociais selecionados, que traçam um perfil preciso dos resultados quantitativos e demonstram quais condicionadores favorecem ou desfavorecem a ocorrência das variantes escolhidas para estudo.

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistema que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que co-variam, mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variáveis linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.108).

Ainda segundo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, na língua, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança linguística pressupõe variação. Isso significa que o fato de existirem duas variantes com o mesmo valor de verdade que competem pelo mesmo espaço, não quer dizer que uma delas vai se tornar obsoleta e que a outra vai ser a forma padrão. Duas

variantes podem conviver em estado de variação durante anos sem que haja substituição de uma forma por outra, ou seja, sem que haja mudança linguística.

É necessário observar também que nem todos os fatos da língua sofrem variação, pois existem regras que são categóricas, regras que o falante não pode violar, sob a possibilidade de ser incompreendido. Se o falante pronunciar: “nós vamos comer o bolo” ou “nós vai comer o bolo”, diremos que são duas sentenças possíveis para o falante do português brasileiro, pois, estamos diante de regras variáveis, ou seja, na primeira sentença há a realização de concordância entre sujeito e verbo e na segunda não há. Já em “bolo o vamos comer nós” é uma frase atípica. Mesmo que o falante não seja escolarizado, perceberá a incoerência na frase. O próprio sistema linguístico define o que pode e o que não pode dentro de uma língua.

Dessa forma, reconhecemos que a língua é heterogênea e é descrita para a compreensão de como a fala vem ocorrendo e quais os fatores influenciam os diversos processos de variação. A heterogeneidade é uma característica própria da língua, que, por sua vez, não é aleatória, mas ordenada, estando condicionada por fatores linguístico e extralinguístico, o que significa dizer que a escolha de determinada forma linguística está ligada a uma série de fatores de ordem interna e também de ordem externa à língua.

As variações linguísticas encontram-se sempre em situação de concorrência na língua, existe uma espécie de embate entre variante padrão *versus* variante não padrão. Sendo, na maioria das vezes, a variante padrão vista como conservadora e prestigiada, como é o caso da realização de “eles chegaram tarde” ou “nós chegamos tarde”, e variante não padrão como inovadora e estigmatizada, como é o caso de “eles chegou tarde”. No caso da variante “a gente chega tarde”, temos uma variante não padrão, mas, nesse contexto, parece não ser estigmatizada nas variedades do português brasileiro (FREITAG, 2016; VITÓRIO, 2017).

A estas formas diferentes de se dizer o mesmo são atribuídos valores sociais, julgamentos de peso valorativo, as variantes são prestigiadas por serem utilizadas por falantes de classe sociais altas e imutavelmente imitadas pela classe sociais baixas, a classe em que a variante está sendo utilizada contribui para a supervalorização ou estigmatização da variedade linguística. No caso de variantes que são altamente estigmatizadas na maioria das comunidades de falas brasileiras, como em “framengo”, “nós fumu”, “a gente vamos”, “os menino estuda”, é porque tendem a ser realizadas por falantes pertencentes a classes sociais mais baixas.

Ainda de acordo com Labov (2008[1972]), para a análise da variação, a variável linguística deve obedecer a três condições básicas, ou possuir três características essenciais: a) ser frequente; b) ser estrutural; c) ser estratificada. Ou seja, ela deve ocorrer com frequência na fala espontânea dos informantes; deve estar integrada num sistema maior de unidades em funcionamento e, ainda, a distribuição do traço deve estar altamente estratificada.

No Brasil, as pesquisas na área da Sociolinguística Variacionista tiveram início na Universidade Federal do Rio de Janeiro na década de 1970, sob a orientação do professor Anthony Naro. Em seguida, muitos estudiosos começaram a fazer pesquisa na área da Sociolinguística com objetivo de traçar o perfil das diversas comunidades de fala do Brasil. O fato de ter havido uma miscigenação muito grande no Brasil acarretou diferenças nas características das comunidades de fala. E esses estudos contribuem para a comprovação de que são frequentes nas línguas os vários modos de falar.

Nas variedades do português brasileiro, há variações diatópica, que se refere às variações distintas pela região que o falante pertence. A diafásica que está diretamente relacionada ao contexto de fala e ao público que o falante está imerso, dependendo da ocasião este pode variar sua fala. A diamésica que está ligada às variações que muitas vezes ocorrem na fala e se estendem para a escrita, visto que o falante se polícia e tende a utilizar na escrita a norma padrão. Temos ainda a variação diastrática que diz respeito à camada social do falante, com os falantes de camadas sociais elevadas utilizando mais formas prestigiadas e falantes de camadas sociais mais baixas utilizando menos formas de prestígios.

O grande divisor de águas no Brasil com relação ao uso linguístico está na variação diastrática, variação que envolve as características sociais do indivíduo, como escolaridade, classe social, mercado de trabalho, faixa etária, ambiente em que vive. Dessa maneira, a língua portuguesa é principalmente separada pela variedade urbana de prestígio e a norma popular ou não padrão.

Estudos na área da sociolinguística apontam a escolarização formal como principal causa dessa divisão linguística. No entanto, a partir de um contato linguístico e sociocultural entre as comunidades de fala, o repertório linguístico do falante pode ser alterado e algumas vezes modificado. Nesse contexto, a Sociolinguística Variacionista mostra que a língua possui variações e que elas devem ser respeitadas, pois diferentes grupos sociais têm diferentes maneiras de falar, o que implica considerar que a Sociolinguística não está apenas para a descrição e

análise das variedades linguísticas, mas também para mostrar a sociedade que a língua não é homogênea e que existem variações a serem respeitadas (SILVA, 2015).

Quando há duas ou mais possibilidades de se dizer o mesmo, é natural que uma das formas possa deixar de existir em um determinado tempo. Esse processo natural estabelece um conflito entre variantes conservadoras (mais antigas) e variantes inovadoras (mais recentes). Em nosso estudo, enfatizamos a variação *nós* e *a gente* na função de sujeito. A variedade inovadora *a gente* é utilizada em grande escala. No entanto, há resistência por parte dos que adotam uma posição purista de língua, em dizer que a variante *a gente* em lugar de *nós* é utilizada apenas em ocasiões não formais de uso da língua.

3.2 Metodologia de pesquisa

3.2.1 Hipóteses e objetivos

O objetivo central desta pesquisa é analisar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a realização de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, na variedade falada pelos quilombolas da Serra das Viúvas. Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o intuito de responder às seguintes questões:

- I. Há a variação na aplicação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas?
- II. Os grupos de fatores linguísticos paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal e determinação do referente influenciam a alternância entre *nós* e *a gente* na posição de sujeito?
- III. As variáveis sociais sexo/gênero e faixa etária influenciam a alternância de *nós* e *a gente* na posição de sujeito?

Como respostas provisórias às questões acima formuladas, propomos as seguintes hipóteses:

- I. A alternância entre as variantes linguísticas *nós* e *a gente* tem sido um dos fenômenos mais recorrente nas mais diversas regiões do Brasil. Tendo em vista este contexto de variação, partimos da hipótese de que, na comunidade quilombola Serra das Viúvas, essa alternância também ocorre;
- II. Partimos do pressuposto de que as variáveis linguísticas paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal e determinação do referente condicionam a alternância de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, e que os contextos que mais influenciam a inserção da variante inovadora *a gente* são *a gente* antecedido por *a gente*, sujeito preenchido, marca morfêmica de terceira pessoa do plural, contextos menos salientes, tempos verbais em que há menor saliência fônica e referente indeterminado;
- III. Embasados nos estudos já realizados sobre o fenômeno em questão, acreditamos que as variáveis sexo/gênero e faixa etária condicionam a variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, e que a aplicação da variante *a gente* é mais frequente entre os falantes do sexo/gênero masculino da faixa etária F1 (25-50 anos).

Para confirmar ou refutar as hipóteses apresentadas acima, apresentamos os objetivos específicos que nortearam esta pesquisa:

- I. Analisar a alternância entre *nós* e *a gente* na função de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas;
- II. Verificar se variáveis linguísticas paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal e determinação do referente condicionam a variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito;
- III. Observar se as variáveis sociais sexo/gênero e faixa etária influenciam a variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito;

3.2.2 Coleta de dados

3.2.2.1 Seleção dos informantes

Para a composição da amostra sincrônica da comunidade quilombola Serra das Viúvas, conforme o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, consideramos remanescentes das comunidades dos quilombos, grupos étnico-raciais, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. São, de modo geral, comunidades oriundas daquelas que resistiram à brutalidade do regime escravocrata, e mantendo suas tradições culturais, aprenderam a tirar seu sustento dos recursos naturais disponíveis.

Assim sendo, na comunidade quilombola Serra das Viúvas, são considerados quilombolas todos aqueles que nasceram e vivem até os dias atuais na comunidade, também pessoas com origem em outros quilombos, mas que atualmente residem na comunidade. Diante disso, reafirmamos a ideia de que “[...] existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p.176), distinguindo a que comunidade de fala pertence cada indivíduo, o que nos leva a considerar a noção de comunidade de fala proposta por Labov.

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 2008, p.150).

Em relação à seleção dos informantes, determinamos que eles poderiam ter nascido em outras comunidades, desde que fossem comunidades quilombolas. Tendo em vista que muitos moradores da comunidade têm origem em outras comunidades, o que revela que a composição da comunidade provém da junção de moradores de vários lugares, por conta dos casamentos realizados entre quilombolas e pessoas de fora.

Outro ponto a destacar diz respeito à escolaridade do informante, uma vez que a maior parte dos quilombolas nas faixas etárias escolhidas é sem escolarização. Segundo relatos orais dos próprios quilombolas, a falta de escolarização das pessoas da comunidade nascidas antes da década de 1990 é frequente, haja vista que por necessidades econômicas as famílias optavam por manter as crianças em casa ou na roça ajudando nos afazeres cotidianos. Havia a necessidade de manter o sustento da família e todos tinham que cooperar. Na época, era inviável a permanência

das crianças na escola, também por conta de gastos extras que as famílias definitivamente não tinham como arcar.

Dessa forma, para a constituição da amostra, delimitamos inicialmente que o falante deveria ser sem escolarização e que poderia ter nascido em outras comunidades quilombolas, no entanto, não poderia ter se afastado da comunidade por tempo superior a dois anos consecutivos. Em seguida, estratificamos a amostra segundo as variáveis sexo/gênero e faixa etária, e as subdividimos em fatores: sexo/gênero (Masculino/ Feminino) e faixa etária (F1 – 25 a 50 anos e F2 – 60 anos em diante). É importante ressaltar que, o corpus da presente pesquisa faz parte do banco de dados do projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano (LUSA) coordenado pela Profa Dra Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.

A partir da estratificação da amostra, delimitamos o número de informantes necessários para obtermos uma amostra representativa da comunidade estudada. Selecionamos cinco informantes por célula e obtivemos um total de 20 informantes a serem entrevistados. De acordo com Guy e Zilles (2007), em uma pesquisa sociolinguística, o ideal é selecionar quatro ou cinco informantes em cada célula, para evitar um resultado inexato.

O acréscimo de uma terceira pessoa já nos daria chance de identificar as tendências de uso para aquele grupo, mas ainda assim poderíamos enfrentar dúvidas relacionadas com diferenças (se são por acaso, por indiosincrasia ou por razão de outra ordem) e ter pouca base para fazer qualquer tipo de generalização. Por isso, diz-se que, com 4 ou 5 indivíduos em cada célula, aumentamos substancialmente as chances de identificar **tendências** através da constatação de regularidade no comportamento dessas pessoas, em constante com o de outras pessoas da amostra (GUY; ZILLES, 2007, p. 112, grifo do autor).

Como fazemos parte da comunidade e temos contato diário com todos os informantes selecionados, superamos o paradoxo do observador que, segundo Labov (2008), é a relação entre pesquisador e pesquisado durante a realização da coleta de dados de fala. Consiste na interferência que a presença do pesquisador causa na fala do pesquisado. Durante a pesquisa, o pesquisador corre o risco de intimidar o falante pela sua presença e o estranhamento dos objetos utilizados na gravação, fazendo o falante não utilizar a fala espontânea.

Por pertencermos à comunidade de fala, não utilizamos nenhum monitoramento quanto à norma padrão no processo de entrevistas, utilizamos a fala cotidiana da comunidade, para que o entrevistado não tivesse um estranhamento e começasse a se monitorar também. Ao abordar os entrevistados, lhes foi dada a informação de que as entrevistas serviriam de *corpus* para a

realização do trabalho de conclusão de curso de graduação ⁴de uma quilombola e moradora da comunidade, e posteriormente seria utilizado para outras possíveis análises.

No que diz respeito à variação linguística, poucos ou nenhum dos entrevistados entendiam do que se tratava, porém compreenderam a importância da pesquisa para a comunidade e assim consentiram a entrevista, não só assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mas também afirmando que estariam disponíveis para o que fosse necessário.

3.2.2.2 Entrevistas

Após delimitar a amostra da pesquisa, a próxima etapa foi a coleta de dados. Guy e Zilles (2007) apontam que essa etapa da pesquisa deve lidar com as seguintes perguntas: Como obteremos os dados? Os dados são válidos para refletir o fenômeno investigado? Os procedimentos para a obtenção dos dados são confiáveis e reproduzíveis? O que pode ser feito para minimizar a parcialidade dos dados?

Para a obtenção dos dados, elaboramos uma ficha da amostra sociolinguística contendo os dados dos informantes a serem entrevistados: nome, naturalidade, sexo/gênero (Masculino/Feminino) e faixa etária (F1- 25 a 50 anos/ F2 60 anos em diante). Também elaboramos um questionário-guia de entrevistas, com tópicos de conversa, a saber:

1. Fale-me sobre os aspectos da comunidade quando você era criança.
2. Como eram as festas dos antigos casamentos?
3. Quais eram os alimentos produzidos e consumidos na comunidade?
4. O que você acha das festas culturais da comunidade?
5. E quanto à assistência médica, transporte, segurança e moradia?
6. Fale-me da sua profissão.
7. Como é o seu dia de trabalho?
8. Onde você prefere passar seus dias de lazer?
9. Fale-me de um passeio ou viagem que você fez e achou interessante.
10. Quais ações são necessárias para que a comunidade venha a alcançar seus direitos descritos no estatuto da igualdade racial?

⁴ A coleta foi realizada inicialmente para o trabalho de conclusão de curso da quilombola Maria Helena Menezes de Souza. Graduação em Letras/Português na Universidade Federal de Alagoas/Campus Sertão com orientação da Prof^a Dr^a Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.

O questionário-guia de entrevistas, segundo Labov (2008[1972]), tem como principal objetivo homogeneizar os dados coletados para a comparação, controlar os tópicos da conversa, provocando o falante a desenvolver narração acerca das suas experiências pessoais e, assim, envolvidos com a emoção, possam fazer o mínimo possível de monitoramento.

Nossas entrevistas aconteceram nas residências dos entrevistados, no mês de março de 2016, tendo em vista que a primeira finalidade do corpus foi um trabalho de conclusão de curso, e foi acordado com os entrevistados que o corpus ficaria à disposição para futuras pesquisas. A coleta de dados foi realizada em seis dias. Como equipamento de gravação, utilizamos um gravador digital e armazenamos nossas entrevistas no formato wav.

Para manter a espontaneidade do entrevistado, as interferências geralmente ocorriam para estimular a continuidade da fala, pois a maioria dos entrevistados, antes da gravação, solicitou a atribuição de perguntas específicas se houvesse o não entendimento da primeira pergunta ou se por acaso faltasse-lhes palavras.

O intervalo das entrevistas vão de 9 a 18 minutos, vale ressaltar que houve um critério de exclusão, tendo em vista que alguns falantes respondiam brevemente as perguntas e logo a entrevista era encerrada com poucos minutos de fala, determinamos que apenas as entrevistas com 9 minutos ou mais seriam consideradas. Assim gravamos 256 minutos e 44 segundos de fala, totalizando mais de 4 horas de entrevista. Realizadas todas as entrevistas, obtivemos uma amostra da comunidade de fala Serra das viúvas composta por 20 informantes.

3.2.2.3 Transcrição dos dados

Após a realização de todas as entrevistas, o passo seguinte foi transcrevê-las, com o objetivo de capturar de forma mais fidedigna possível os fatos relatados pelos falantes. Para tanto, seguimos o Protocolo de Transcrição do Projeto A Língua Usada em Alagoas (LUAL)⁵ segundo o qual todas as entrevistas gravadas tiveram transcrição ortográfica, ou seja, procuramos seguir a ortografia oficial, mas registrando o máximo de questões características da fala coletada, conforme podemos observar no trecho transcrito a seguir:

⁵ Responsável pelo LUAL: Prof^a Dr^a Denilda Moura, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

(3) Farofa cum carne arroiz e macarrão cabá a gente ia cumê bebê vi:nho tumá vinho refrigerante na cabá ia dançá a noite toda o resto da tarde e a noite toda que os casamento era de manhã o meu mermo foi de dez hora quando chegemo impilotemo na dança. L1FF1⁶

As transcrições dos dados foram feitas com o auxílio do programa computacional Express Scribe⁷, que pode ser obtido gratuitamente na internet e serve como auxílio ao pesquisador na tarefa de transcrição do registro de áudio. A escolha desse programa deu-se pela facilidade e praticidade em executar diversas tarefas em uma única janela. Realizadas as transcrições, fizemos uma leitura de revisão para checar se os dados transcritos estavam de acordo com as falas coletadas.

3.2.2.4 Envelope de variação

Como Lucchesi, Baxter, Ribeiro (2009), que trabalharam com a fala dos afro descendentes, buscamos com a presente pesquisa contribuir com uma parcela de fidelidade para o panorama das comunidades de falantes com descendência negra do país. Para Lucchesi (2006), o pesquisador tem o papel de perceber quais elementos variam na língua e quais implicações sociais a variação apresenta. Segundo o autor, as variações ocorrem quando há a possibilidade de utilizar duas ou mais formas distintas num mesmo contexto, com mesmo valor de entendimento, o que acarreta numa disputa pela melhor e mais prestigiada.

As pesquisas em Sociolinguística mostram que fatores linguísticos e extralinguísticos atuam na escolha da variante utilizada por determinados grupos sociais. Assim, sem exceção, toda variação linguística é motivada por fatores estruturais e sociais e as formas alternantes ocorrentes na comunidade de fala estudada são as variantes linguísticas. Em nossa análise, consideramos as variantes *nós*, como observamos no exemplo (4), e *a gente*, como observamos no exemplo (5).

⁶A identificação de cada falante se deu pela letra L seguido no número da transcrição, o Sexo/gênero feminino foi representado por F e masculino por M. Para falantes de 25 a 50 anos, utilizamos F1, para falantes de 60 anos em diante, F2.

⁷Disponível em: <http://www.baixaki.com.br/download/express-scribe.htm>

(4) Nós - só na roça dos outro por conta *nós* cavemo doze mil cova de mandioca. L10 M F2

(5) A *gente* não tinha outra coisa conde acabá comprava era era fato era um bofe e e a gente ia assá assava no fogo á lenha e ia cumê mei dia cum café de rapadura. L4FF1

Partimos do pressuposto de que a utilização de *nós* ou *a gente* na comunidade quilombola Serra das Viúvas é motivada por restrições linguísticas e extralinguísticas, pois, a variação linguística não é aleatória, mas governada por restrições.

3.2.3 Variáveis analisadas

O nosso trabalho é focado na observação da variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito e partimos do pressuposto de que variações não ocorrem de maneira isolada, pois alguns fatores interferem na realização das variantes. Tais fatores são denominados de variáveis independentes e ocorrem tanto no nível da língua (linguístico) quanto no nível social (extralinguístico). Assim, consideramos como variável dependente as variantes *nós* e *a gente* na posição de sujeito, como podemos observar nos exemplos (6), (7), para, em seguida, determinarmos as variáveis independentes analisadas.

(6) Quando *nois* chegemo cê era soltêra. L2F2F

(7) A *gente* chêga lá e Ø é atendido né. L1F1F

As variáveis independentes selecionadas na nossa pesquisa são divididas entre o nível linguístico e o nível social. Na perspectiva linguística, para analisar a variação entre *nós* e *a gente* na posição de sujeito, selecionamos as variáveis paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal e determinação do referente. Na perspectiva social, elencamos as variáveis sexo/gênero e faixa etária.

3.2.3.1 Paralelismo formal

No que concerne a variável paralelismo formal, Scherre (1998) afirma que:

A própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas. Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra) (SCHERRE, 1998, p.30).

A variável paralelismo formal é entendida como a tendência que o falante tem de repetir determinada forma em uma mesma sequência linguística. Desse modo, entendemos que o informante tende a repetir a mesma forma pronominal que iniciou a sentença. Ainda de acordo com Scherre (1998), o paralelismo formal é uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas, por isso ressaltamos a importância dessa variável em nosso trabalho.

Para esta variável, consideramos quatro fatores, a saber, realização isolada, que é a realização isolada de uma das variantes na sentença, como em (8) e (9), primeira da série, que é a primeira realização de uma das variantes na sequência discursiva, sendo que há outras realizações seja da mesma variante ou de outras variantes como em (10) e (11), antecedida por *nós*, que acontece quando a variante *nós* ou *a gente* aparece antecedida por *nós* como em (12), e antecedida por *a gente* é quando a variante *nós* ou *a gente* é antecedida por *a gente* numa mesma sequência discursiva, como em (13):

(8) Siviço de casa *a gente* não fazia L1F1F

(9) E *nós* sem saber L1F1F

(10) *A gente* chega lá num tem - ah num tem *a gente* volta e tem que ir pá Delmiro L3F1F

(11) Pra isso precisa fazê pra *nois* aqui um posto de saúde que *nois* num temos aqui na Serra das Viúvas L3F1F

(12) *Nós* dava que *nós* queria assistir musica, *nós* dava no radio né - e o rádio era carrego minha fia L17F1F

(13) *A gente* faz uma brincadera na casa *da gente* quando Ø pensa que não tá pió bagunça ai *a gente* as veze pá Ø evita de bagunça Ø já num faz a festa. L6F1M

Pesquisas como as de Feitosa (2017) e Vitória (2017) apontam tal variável como uma das que mais influenciam o uso da forma linguística *a gente* na posição de sujeito em comunidades alagoanas. Ambas as pesquisas constataram que a forma *a gente* tem um percentual elevado de ocorrências quando antecedido por *a gente* na mesma sequência discursiva. Nossa hipótese é a de que a variante inovadora *a gente* é mais utilizada pelos falantes quando antecédida por *a gente*.

3.2.3.2 Preenchimento do sujeito

A variável preenchimento do sujeito diz respeito à expressão nula ou plena do sujeito pronominal. Essa variável é utilizada para analisar a variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, e tem revelado que “o controle da explicitude do sujeito é proposto com base na premissa de que sujeitos ocultos ou desinenciais apresentam maior frequência de verbos com marcas de primeira pessoa do plural, visto serem essas marcas não redundantes [...]” (RUBIO, 2015, p.102).

Em nossa pesquisa, esta variável está dividida em dois fatores, a saber, sujeito preenchido que é quando a variante *nós* ou *a gente* que são o sujeito da oração aparecem explicitamente na sentença, como em (14) e (15), e sujeito nulo, que é quando o sujeito da oração, sendo ele *nós* ou *a gente* não aparece explicitamente, mas é indicada pelo verbo, como em (16) e (17).

(14) *Nois* tinha barriga cheia naquele tempo - tinha vez que dia de manhã bem cedo a gente já descia L1FIF

(15) É *a gente* sabi muito bem L2FIF

(16) Nós não podemos fazê isso - \emptyset *podemos?* L11FIIM

(17) A gente plantava mandioca da mandioca \emptyset fazia a farinha e \emptyset lavava a goma - a goma gente cumia os biju todo dia \emptyset fazia um bêju num caquinho e \emptyset cumia os bêju L3FIF

Esta variável foi considerada de suma importância para a análise da alternância entre *nós* e *a gente* na posição de sujeito em estudos como o de Rubio (2015) e Lopes e Vianna (2015),

pois as duas pesquisas constataram que quando os falantes fazem aplicação da variante *a gente*, preferem preencher o sujeito foneticamente. Dessa forma, nossa hipótese é a de que a variante *nós* tende a ser realizada através do sujeito nulo, por outro lado, a variante *a gente* tende a ser realizada através do sujeito preenchido.

3.2.3.3 Marca morfêmica

A marca morfêmica está relacionada com a concordância verbal estabelecida com pronomes *nós* e *a gente*, ou seja, a variável é entendida como a preferência do falante em utilizar verbos com marca morfêmica de terceira pessoa do singular ou marca morfêmica de primeira pessoa do plural em concordância com as variantes em estudo (VITÓRIO, 2017). Um aspecto evidenciado no processo de gramaticalização do pronome *a gente* refere-se ao fato de que a variante além de manter o traço formal de terceira pessoa do plural, também está associados semanticamente com o morfema do verbo no plural. Logo *a gente* apresenta traços discursivos de primeira pessoa do plural e traços gramaticais de terceira pessoa do singular.

Nesta pesquisa, consideramos dois fatores, a saber, marca morfêmica de terceira pessoa do singular, que é quando o verbo conjugado com as variantes *nós* ou *a gente* está na terceira pessoa do singular como exposto em (18) e (19); e marca morfêmica de primeira pessoa do plural, que acontece quando o verbo que está sendo conjugado com as variantes *nós* ou *a gente* está na primeira pessoa do plural (20) e (21), e partimos do pressuposto de que o contexto que mais favorece a aplicação da variante inovadora é a marca morfêmica de terceira pessoa do singular.

(18) A água *nois botava* na cabeça L14F2F

(19) Que quando *a gente pranta* meia cuia de feijão, um salamim, a gente vem tirano duas cuia três de feijão L16F2M

(20) *Agente sofremus* muito \emptyset ia pro mato tirá paia pra fazé bassora L5F2M

(21) Qué qui *nois podemo* fazê - *nóis* fraco não *podemos* fazê nada L11F2M

Em algumas sentenças analisadas, as marcas de concordância com a primeira pessoa do plural não se encontram exatamente de acordo com o que prevê a norma padrão, como em (20) e

(21), mas convencionamos utilizar esses casos como concordantes da primeira pessoa do plural. Ainda com relação à variável marca morfêmica, Feitosa (2017) e Vitória (2017) observaram que a forma pronominal *nós* tende a ser mais frequente com o morfema de primeira pessoa do plural, enquanto que as realizações de *a gente* tendem a ocorrer com a marca morfêmica de terceira pessoa do singular.

3.2.3.4 Saliência fônica

No que diz respeito à variável *saliência fônica*, Scherre, Naro e Yacovenco (2018) afirmam que esta está relacionada à concordância verbal, mais especificamente a conjugação dos verbos, e a escolha do falante em utilizar formas com e sem o morfema - mos. Assim, a [-saliência] ocorre quando o verbo está conjugado na terceira pessoa do singular como em (22), e a [+saliência] ocorre quando o verbo está conjugado na primeira pessoa do plural e notamos a presença do morfema - mos, como em (23), quanto maior a saliência fônica, há mais possibilidade de usar a forma com - mos.

Foeger *et al.* (2017) ressaltam que a implementação de *a gente* é favorável em contextos de “fuga a não concordância” e *nós* é favorecido em contextos em que há ambiguidade de não concordância. Sendo assim, verbos [-salientes] favorecem *a gente* ou a ausência de concordância com *nós*. Em nossa análise, separamos a variável saliência em fônica dois fatores, sendo, [+saliência] e [-saliência]. A nossa hipótese para esta variável é a de que a variante inovadora *a gente* é mais utilizada em concordância com verbos [-salientes], como em (22), e a variante *nós* é mais utilizada com verbos [+salientes], como em (23).

(22) *A gente* sabe tem uma vida muito humilde L2F1F

(23) Aí através disso *nois fiquemo* aqui depois vortei pá Delmiro de novo L6F1M

3.2.3.5 Tempo verbal

Rubio (2012) e Scherre, Naro e Yacovenco (2018) argumentam que a variável *tempo verbal* está diretamente ligada à saliência fônica e refere-se a escolha verbal do falante mediante às variantes *nós* e *a gente*. A esse respeito, Seara (2000), investigando as diferentes variáveis que

podem condicionar o uso de *a gente* em oposição a *nós*, observou que nos tempos verbais em que há menor saliência fônica na diferença entre a terceira pessoa do singular e a primeira do plural, como, por exemplo, no pretérito imperfeito, há maior probabilidade de uso de *a gente*.

Em nosso estudo, dividimos a variável tempo verbal em cinco fatores, a saber, pretérito perfeito, como em (24) e (25), pretérito imperfeito, como em (26) e (27), presente, como em (28) e (29), infinitivo, como em (30) e (31) e gerúndio, como em (32) e (33). Nossa hipótese para esta variável é a de que tempos verbais em que há menor saliência fônica favorecem a inserção da variante *a gente* e tempos verbais com maior saliência fônica favorecem a aplicação da variante *nós*.

(24) E *a gente* cada qual *levou* L1F1F

(25) O alimento consumido quando *nois chegemo* aqui era o que *a gente* tirava colhia da roça L6F1M

(26) *Arrente* com a idade de dez anos *era* – de L7F2M

(27) É porque *nois* morava em Delmiro *nois morava* em Delmiro- L6F1M

(28) *Arrente chega* lá nas festinha de casamento é um churrasquinho pra qui um salgadinho pralí L2F1F

(29) *Nois tamú* numa seca aqui que num tem água L2F1F

(30) Esse dois carro que *a gente quisier saí* *nois* têm que pagá cada L3F1F

(31) Ø ramu *nós tudo falá* Ø ramu L1F1F

(32) O dinheiro Maria Helena *a gente* têm que trabainano - Ø *fazeno* bassoura Ø *fazeno* farinha e: Ø *fazeno* tapioca i: *a gente arrumano* L1F1F

(33) Passava um mês passava mais e *nóis* ficava aqui Ø *viveno* de bassora e de chapéu - era com que *a gente*- era com que *a gente* arrumava o pão pra mesa era de bassora L13F2F

3.2.3.6 Determinação do referente

A variável determinação do referente é descrita por Tamanine (2002) como a referência feita ao sujeito. Sendo uma variável utilizada para analisar a variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, busca perceber se o falante, ao utilizar as variantes em questão, está se tratando de um

sujeito determinado, um grupo específico ao qual se inclui, como em (34) e (35), ou a um grupo não tão específico, no qual há uma generalização, sendo uma espécie de sujeito indeterminado como em (36) e (37).

(34) E *nois* sem saber L1FIF

(35) O qui *a gente* tinha era muito poco pá fazê um casamento L4FIF

(36) *Nois* erremo então *nois* temo o direito de concertá nossos erro L4FIF

(37) A *gente* quer fazê um doce e num acha L1FIF

Tamanine (2002), ao analisar a determinação do referente, percebeu que *a gente*, ao ganhar espaço como referência à primeira pessoa do plural, teve de assumir mais características de determinação. Com isso, foi perdendo terreno na indicação de um *a gente* indeterminado. Em contrapartida, o pronome *nós* apresentou favorecimento de ocorrência em contextos indeterminadores, o que pode representar um deslocamento realizado pelo pronome canônico a fim de assegurar a sua sobrevivência no sistema.

Para a análise dessa variável, consideramos, em nossa análise, a determinação do referente dividida em dois fatores, correspondendo ao sujeito determinado e sujeito indeterminado e partimos do pressuposto de que a aplicação da variante *a gente* se realizará majoritariamente mediante a indeterminação do sujeito.

3.2.3.7 Faixa etária

A faixa etária é considerada uma das três variáveis sociais mais importantes e testadas nos estudos sociolinguísticos realizados nas variedades brasileiras. É através da análise dessa variável que podemos constatar diferentes estágios de uma mudança linguística, observando se a variação se encontra em estágio de mudança ou em uma variação estável. Em nosso estudo, dividimos esta variável em dois fatores: faixa etária F1 que corresponde aos falantes de 25 a 50 anos, e F2, que corresponde aos falantes de 60 anos em diante.

Fernandes (2004) e Mendes (2007) constataram que, em todas as faixas etárias, os falantes apresentam preferência pela variante *a gente*. Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), em comunidades quilombolas rurais, observaram que os mais jovens são os que optam

preferencialmente pela variante *a gente*. Vianna e Lopes (2015) afirmam que a variante *a gente* está sendo utilizada indiscriminadamente chegando muitas vezes a não ter a influência de realização por faixa etária. No entanto, quando essa variável adquire significância é sempre o grupo de falantes de faixa etária mais jovem que prefere aplicar a variante *a gente*. Neste sentido, a nossa hipótese é a de que os falantes mais jovens são os que mais fazem uso da variante inovadora *a gente*.

3.2.3.8 Sexo/gênero

A variável sexo/gênero é estudada desde as primeiras pesquisas sociolinguísticas com os trabalhos de Labov, na década de 1960. O estudo desta variável, é na verdade uma maneira de mensurar o comportamento social de homens e mulheres. Em nossa pesquisa, dividimos esta variável em dois fatores, masculino e feminino, para podermos assim observar o comportamento das mulheres e homens quilombolas em relação à variação *nós* e *a gente*.

No que concerne à referida variável, os estudos de Vianna e Lopes (2015), Feitosa (2017) e Vitória (2017) mostraram que os homens são mais conservadores e que as mulheres preferem a variante inovadora *a gente*. Mesmo observando esses resultados, a nossa hipótese é a de que os homens da comunidade quilombola Serra das Viúvas são mais inovadores que as mulheres, uma vez que anualmente se retiram da comunidade por um período de seis a oito meses por motivos de trabalho. Esse fato nos faz pressupor que esses homens estão entrando em contato com outras normas e, por isso, são mais adeptos da variante inovadora *a gente*.

3.2.4 GoldVarb X: análise estatística

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como sociolinguística quantitativa, trabalha com pesquisas de base empírica sobre uma língua em situações reais de uso. De acordo com o modelo teórico, a análise admite a heterogeneidade no sistema linguístico, desenvolvendo observações baseadas em instrumental de caráter estatístico produzido por programa computacional muito utilizado na área, o GoldVarb, ou sua versão mais recente GoldVarb X. Esse programa possibilita a verificação das frequências absolutas e relativas dos dados

previamente preparados pelo pesquisador, e pode fazer um comparativo das influências linguísticas e sociais em determinados fenômenos na amostra analisada.

Deste modo, o programa computacional GoldVarb X é utilizado para quantificar os dados do analista. Sendo um dos diversos métodos analíticos quantitativos, que faz as contagens, frequências e percentuais das realizações, em outras palavras, o programa fornece os cálculos das frequências e dos pesos relativos necessários à discussão dos fatores que condicionam o uso das variantes que são postas em análise.

A rodada é o processamento dos dados no programa, ela é realizada quando o pesquisador já definiu a variável dependente e variáveis independentes. Tais variáveis são definidas pelo pesquisador e pela teoria utilizada no estudo. Mediante a seleção das ocorrências do fenômeno variável no *corpus* de análise, as variáveis dependentes e independentes são adicionadas no programa através de uma codificação específica escolhida pelo pesquisador. O programa vai processar todos os dados e apresentar os resultados.

Com os resultados de cada variável, é realizada a análise estatística dos dados, que é a constatação e disposição da relevância de cada variável de acordo com o grau de ocorrências. Dessa maneira, são evidenciadas as variáveis que foram consideradas estatisticamente significativas e estatisticamente não significativas para o estudo.

O resultado vai ser apresentado a partir do grau de ocorrência das variáveis. Vale ressaltar que, para o programa, não há distinção entre variáveis linguísticas ou sociais, todas as variáveis são tratadas de igual forma. Normalmente, constatado o resultado, a variável dependente vai apresentar uma variante predominante, tal variante vai apresentar seus principais influenciadores para a ocorrência, esses influenciadores ou fatores condicionantes são as variáveis independentes.

A variável independente que estiver com maior grau de realização será considerada como mais relevante na ocorrência da variante predominante, e, por isso, a variável estatisticamente significativa. Algumas pesquisas apresentam mais de uma variável estatisticamente significativa. O programa também apresenta as variáveis estatisticamente não significativas que são as que também condicionam a ocorrência da variante predominante, mas com menos influência. Para as variáveis, o GoldVarb X apresenta os percentuais, a quantidade de ocorrências e o peso relativo.

4 A COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS

Nesta seção, focalizamos na descrição da comunidade quilombola Serra das Viúvas, nossa comunidade de fala para estudo da variação dos pronomes *nós e a gente* na posição de sujeito. Para tanto, apresentamos, primeiramente, os aspectos sociais que compõem a comunidade; em seguida, os aspectos históricos e a formação da comunidade e, por fim, mostramos aspectos culturais preservados e desenvolvidos na comunidade.

4.1 Aspectos sociais da comunidade

Água Branca é uma cidade sertaneja do estado de Alagoas com cerca 20 mil habitantes. Recebeu este nome por ter em suas dependências diversas fontes de águas claras. Os desbravadores das terras água-branquenses foram os três irmãos da família Vieira Sandes, vindos de Ituíba, povoação do Rio São Francisco. Observando a fertilidade das terras e a diversidade entre o serrado e a caatinga, nelas o Capitão Faustino Vieira Sandes ergueu sua fazenda e criação de gado.

Água Branca está situada a 308 quilômetros da capital Maceió. É um território de aproximadamente 454,622 km². Sua altitude é de 570 metros acima do nível do mar. A figura a seguir mostra o retrato central da pequena cidade. A figura 01 mostra a cidade de Água Branca vista da comunidade quilombola Serra das viúvas.

Figura 01: Cidade de Água Branca



Fonte: Autora (2018)

Cidade de barões e consequentemente herdeira de um processo escravagista, a cidade se destaca historicamente pelos acontecimentos e sua cultura distinta. Os escravos, que na época vieram da cidade de Recife, ergueram grandes construções a exemplo da igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição que é um dos maiores destaques da cidade. A figura 02 mostra a igreja matriz na década de 80 e como se encontra atualmente.

Figura 02: Igreja matriz na década de 80 e 2019



Fonte: Facebook: Pcengenho da Serra ⁸

Fonte: Autora (2019)

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100015676030606>

Além da igreja Matriz, a cidade dispõe de um conjunto arquitetônico formado por vários casarões construídos no estilo barroco. Esse conjunto arquitetônico é a principal atração que faz da cidade um roteiro turístico. Pelas redondezas, há trilhas ecológicas com cachoeiras e paisagens exuberantes, há também uma infinidade de artesãos que produzem artesanatos de palha de ouricureiro, palha de bananeira, palha de milho, renda singeleza, barro, madeira, couro, cipó, tecido, tela, porcelana fria, bijuterias, fuxico e outros.

Água Branca é uma cidade muito diversificada com relação a povos tradicionais, pois abriga em suas extensões uma aldeia indígena, o povo kalancó e seis comunidades quilombolas, a saber, Moreira de Baixo, Barro Preto, Lagoa das Pedras, Cal, Queimadas e Serra das Viúvas. A comunidade quilombola Serra das Viúvas foi a primeira entre as seis a perceber suas descendências quilombolas.

Por possuir vários parceiros e pessoas que sempre visitaram a comunidade, acabaram por fazer a descoberta através do Mauricio Brandão que é empresário da cidade de Água Branca e herdeiro da maior parte das terras arrendadas do quilombo. A comunidade, por volta do ano de 2007, tinha um grupo pequeno de artesãos que vendia e estava a expandir a arte de palha de ouricureiro e cipó pelas regiões circunvizinhas. Esse grupo, com a liderança da Marlene Araújo, foi averiguar a possibilidade de ser remanescente de quilombola. Comprovada a hipótese no dia 06 de outubro de 2009 através da Portaria 185/200, datada de 19/11/2009, o povoado recebeu da Fundação Cultural Palmares o título de primeira comunidade quilombola da cidade de Água Branca.

A comunidade quilombola Serra das Viúvas fica à aproximadamente 4 quilômetros da cidade Água Branca, e segundo dados extraídos da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas, na comunidade, há 86 famílias, cerca de 70 residências e exatamente 226 moradores.

Os moradores encontram diversos meios para a sobrevivência, como agricultura familiar, a produção de farinha de mandioca e seus derivados, artesanatos de palha e cipó, corte de cana-de-açúcar, nas usinas que ficam na zona litorânea de Alagoas e Sergipe, trabalho doméstico e também alguns bicos. A maior parte das mulheres da comunidade está inserida no programa governamental Bolsa Família. Aproximadamente 20 mulheres estão inseridas no Programa de Aquisição de Alimentos Estadual, no qual elas vendem produtos, como frutas, verduras, feijão, farinha de mandioca e também seus derivados, bolos de diversos sabores e outros alimentos,

todos os produtos são retirados da agricultura familiar, produtos orgânicos que são adquiridos pelo governo do Estado para merenda escolar da região.

O povoado fica próximo da cidade de Água Branca e é de fácil acesso, os moradores da comunidade quando desejam se deslocam de carro, motocicleta ou até mesmo a pé. Dentro do quilombo, não há hospitais ou posto saúde, os quilombolas têm o atendimento na cidade ou em povoados vizinhos. Também não há água encanada nem saneamento básico.

A comunidade dispõe de uma escola que funciona no turno matutino. Com turma multisseriada do primeiro ao segundo ano do ensino básico. A Escola Municipal de Educação Básica Francisco Pereira Leite é uma extensão da Escola do Sítio Batuque que também é uma escola do município de Água Branca. A escola da comunidade funciona desde o ano de 2002, e possui uma sala de aula, uma cozinha, dois banheiros e um pequeno rol de entrada, as figuras seguintes mostram o interior e exterior da escola da comunidade.

Figura 03: A escola da comunidade



Fonte: Maria Souza (2018)

Atualmente, a escola dispõe de uma professora, uma auxiliar e uma serviçal. Os alunos da comunidade ao concluírem o segundo ano vão estudar na cidade de Água Branca ou nos povoados vizinhos, e os governos estadual e municipal fornecem transporte para o deslocamento.

4.2 Aspectos históricos da comunidade

Relatos orais dos idosos da comunidade afirmam que o pequeno povoado recebera inicialmente o nome de Paudalho, e no início de sua povoação possuía em suas extensões três

famílias tradicionais com pai, mãe e filhos. No entanto, com o passar dos anos, os três homens morreram e as famílias ficaram sendo administradas pelas figuras femininas, e aquele pequeno povoado passou a ser a Serra que tinha três viúvas, e por isso Serra das Viúvas.

Não há ninguém na comunidade que saiba informar se os primeiros moradores eram negros, escravos fugitivos ou qualquer um que tenha característica que seja dos primeiros moradores. Por não haver nenhuma outra explicação cabível para a origem do nome, os moradores do quilombo contentaram-se com a hipótese acima descrita. Como se trata de um relato oral, a história vai se modificando e é acrescentado ou subtraído algum detalhe toda vez que é recontada.

O quilombo fica muito próximo da cidade de Água Branca e uma das hipóteses que há é a de que os escravos vindos de Recife, negando-se a trabalhar, fugiam do alcance do Barão e seus capatazes para Serra das Viúvas, entrando mata adentro por entre as Serras de Água Branca. Segundo relatos, o capitão Mor Joaquim Siqueira Tores (Barão de Água Branca), grande latifundiário, fazendeiro, político e construtor de grandes obras voltadas para o progresso, obrigava os escravos a erguer suas construções. Sabe-se também que o Barão de Água Branca não utilizava tortura com seus escravos, mas cobrava mão de obra e respeito.

Nos relatos da comunidade, houve uma época em que o Barão disponibilizava tarefas de terra para os seus negros trabalharem e fazerem suas vidas, tendo em troca parte da plantação e criação. Esta prática do Barão é uma prática semelhante a do arrendamento de terras que até hoje impera na Serra das Viúvas. Mais de 50% das terras daquela região são de arrendamentos e esse modelo de produção agrícola já vem de muitos anos, pode-se até dizer que de séculos. Então a hipótese é a de que as terras do quilombo foram emprestadas aos negros para seu sustento e isso se perdurou até os dias de hoje.

A segunda hipótese é a de que os escravos chegaram por ali por livre e espontânea vontade apenas com objetivo de trabalhar naquelas terras que eram do Barão, e assim sustentar suas famílias. Sobre as duas hipóteses não há nada que lhes confirmem ou refutem, pois, não há nada propriamente constatado, são apenas especulações da própria comunidade.

Com relação à descendência negra, nem toda a comunidade compreende e aceita, tendo em vista que são apenas onze anos de certificação. Há uma espécie de resistência por parte de alguns moradores. Parece que para um pequeno grupo da comunidade é difícil ter suas raízes marcadas pela escravidão, pelo sofrimento, ter cor preta e cabelo crespo. Na comunidade, há uma presença

muito grande de pessoas de outros povoados e também de outros municípios, chegados ao quilombo por conta de casamentos com quilombolas.

No que diz respeito aos moradores da comunidade, há relatos de familiaridade entre Serra das Viúvas e outros quilombos, muitos moradores da comunidade se dizem parentes de pessoas dos outros quilombos de Água Branca e também de comunidades quilombolas de Delmiro Gouveia e Pariconha, que são municípios vizinhos a Água Branca. Os relatos indicam que havia uma espécie de interação entre esses povos. Talvez fosse interessante um estudo mais aprofundado sobre o assunto, para possíveis constatações.

O que ocorre na comunidade é um processo de aceitação da descendência, que, desde o ano de 2009, vem sendo trabalhado timidamente na escola da comunidade, em cursos de formação que a comunidade recebe, e, nos últimos anos, na associação da comunidade e por algumas jovens que semanalmente reúnem as crianças e adolescentes e tratam de questões históricas e culturais do quilombo, através *Projeto Crescer feliz/Caminho Verde* que é um projeto de crianças e adolescentes organizado pela Associação Novo Horizonte. O projeto objetiva incentivar as crianças a viverem em harmonia com meio ambiente e sua identidade. A figura 04 mostra atividades realizadas pelas jovens.

Figura 04: Atividades do projeto Caminho Verde



Fonte: Maria Ambrósio (2018)

No que diz respeito às trilhas ecológica, são três, que vão da comunidade quilombola em direção à cidade de Água Branca e vice-versa. A mais famosa e frequentada é a Trilha da Pedra do Vento. No decorrer do seu percurso, esta passa por uma localidade onde se concentra um

grande volume de pedras e lajeiros que além de muito altos e vistosos para todas as regiões vizinhas é fortemente ventilada. A figura 05 mostra o local visitado.

Figura 05: Pedra do Vento



Fonte: Autora (2018)

A paisagem bastante exótica atrai pessoas de toda parte, que conseqüentemente visitam a comunidade e compram seu artesanato, muitas vezes optam por tomar um café ou almoço regional feito pelas mulheres quilombolas. A figura 06 mostra o café regional preparado por algumas mulheres da comunidade.

Figura 06: Café regional da comunidade



Fonte: Maria Ambrósio (2018)

Na comunidade, não há restaurantes ou lanchonetes, as refeições são servidas no centro cultural da comunidade que é também a sede da associação. As refeições ocorrem quando o visitante entra em contato e marca uma data. As vendas das refeições são apenas feitas por agendamento.

4.3 Aspectos culturais da comunidade

O principal aspecto que diferencia a comunidade quilombola Serra das Viúvas das demais comunidades quilombolas da cidade de Água Branca é o artesanato, que é uma das principais fontes de rendas das famílias da comunidade. Até o fim dos anos noventa, o artesanato era simples sem muito acabamento, produzido de forma autônoma por praticamente todas as famílias. Na época, as políticas de auxílio e combate a fome ainda não contemplavam a comunidade, e as formas viáveis de sustento eram somente agricultura familiar e o artesanato. Produzido durante a semana e vendido nas feiras livres nos sábados, domingos e segundas feiras, o artesanato de palha de ouricurizeiro e cipó foi se expandindo.

Encontrando encomendas e saídas para vendas fora do município, um pequeno grupo de artesãos começou a se organizar, produzir e vender o artesanato em conjunto, as pessoas que compunham esse grupo eram normalmente da mesma família. A ideia teve resultados positivos e em poucos anos o grupo participou de formações e começou a se aperfeiçoar nas peças e também na metodologia de produção e vendas.

A luta para erguer uma associação de artesãs durou alguns anos, pois apenas em 2010, um ano após a certificação e reconhecimento como sendo quilombola, foi que a associação foi legalizada juridicamente. Por ter na sua composição apenas dois homens e uma quantidade muito grande de mulheres, a associação recebeu o nome de *Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas*. Entretanto, um dos parágrafos do estatuto da associação afirma que a inserção de homens dentro da associação é perfeitamente possível.

A cultura artesanal da comunidade quilombola Serra das Viúvas sempre foi o maior indicativo de descendência afro que fez despertar nos moradores e visitantes da comunidade a curiosidade sobre o fato. O artesanato desde as raízes mais remotas sempre esteve impregnado nos afazeres das mulheres. Eram a vassoura, o chapéu, a bolsa de palha e o caçoar de cipó que desde sempre apareciam nas feiras livres das redondezas da cidade de Água Branca com procedência da Serra das Viúvas.

A Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas (AMAQUI) começou com um grupo pequeno de artesãos. Esses artesãos não tinham local apropriado para as suas produções, por isso, produziam artesanatos debaixo de árvores ou em alpendres de familiares dos artesãos. Isso ocorreu durante muitos anos, os artesãos sempre se organizavam como podiam, no entanto, tinham muita dificuldade com relação ao armazenamento e estocagem das peças confeccionadas, haja vista que algumas peças não podem ser expostas ao frio ou à umidade sob o risco de mofar e estragar.

Ao longo dos anos, o grupo de artesão foi crescendo e adquirindo reconhecimento pelo estado e as visitas de interessados nas peças e na tradição artesanal foi aumentando gradativamente. A Senhora Marlene de Araújo que é líder do grupo de artesãos, sempre recebia em sua própria residência as pessoas que vinham à comunidade para fazer visitas. No ano de 2018, através de várias doações, a comunidade conseguiu erguer o centro cultural que é sede da associação. A figura a seguir mostra o centro cultural da comunidade

Figura 07: Sede da Associação



Fonte: Autora (2018)

A AMAQUI atualmente é composta por aproximadamente 50 mulheres que se reúnem ordinariamente no primeiro sábado de cada mês e extraordinariamente quando necessário. As mulheres que compõe a associação são de 18 a 60 anos, a grande maioria é artesã, no entanto, comercializam individualmente, tendo em vista que as demandas para a produção de peças da AMAQUI são pequenas e incertas.

Associação é a maneira como a comunidade encontrou para se mobilizar e tomar todas as decisões que envolvem o quilombo. Todos os assuntos que dizem respeito à comunidade são discutidos nesse coletivo. E todas as pessoas ou instituições que desenvolvem trabalhos ou ações na comunidade são recebidas e orientadas pela AMAQUI. Há alguns moradores que são indiferentes e preferem não participar da associação, entretanto, cerca de 75% das famílias estão inseridas na AMAQUI.

Os artesanatos produzidos pelas artesãs são infinitamente diversificados, a inovação é o ponto crucial das artesãs. A associação trabalha com palha de ouricurizeiro, palha de bananeira, palha de milho, cipó de todas as espécies, renda singeleza, pintura e também reciclagem de sacolas plásticas e etc. A figura 08 mostra alguns dos principais artesanatos produzidos na comunidade.

Figura 08: Artesanato produzido na comunidade



Fonte: Autora (2019)

Atualmente há um grupo pequeno produzindo peças e vendendo coletivamente. As peças são feitas, na maioria das vezes, por encomendas ou quando destinadas a feiras artesanais. Os artesanatos da AMAQUI estão expostos para vendas em estabelecimentos na cidade de Água Branca e Piranhas.

Uma das ações que a AMAQUI realiza todos os anos e que merece destaque, é a festa da *Consciência Negra* que ocorre desde o ano de 2012 e se tornou tradição. O evento acontece no dia 20 de novembro - data significativa para todos os moradores. Com o auxílio da Secretaria de Cultura da cidade e outros parceiros, a comunidade realiza todos os anos um evento grandioso

com palestras, oficinas e apresentações culturais que ocorrem durante o dia. Além de reunir a própria comunidade, o evento traz outros remanescentes de comunidades quilombolas, estudantes de escolas municipais, universidade federal e outras instituições de ensino superior.

A comunidade sempre se mobiliza e, juntamente com a AMAQUI, prepara almoço ou lanche cultural para todos os que vêm prestigiar a comemoração. As oficinas e palestras são oferecidas por pessoas de fora da comunidade, normalmente com temas voltados para identidade negra e auto aceitação, geralmente ministradas pelos professores da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão. O encerramento acontece sempre no fim da tarde com as apresentações culturais de diversos grupos, muita música, dança e comida, a figura a seguir mostra momentos da festa da consciência negra do ano de 2018.

Figura 09: Festa da Consciência Negra 2018



Fonte: Autora (2018)

A comunidade quilombola Serra das Viúvas já foi apontada várias vezes como o quilombo mais completo da região, tendo em vista que se destaca no artesanato, na culinária, na agricultura e em muitos outros aspectos. As mulheres unidas através da associação avançaram e continuam a buscar melhorias para si e para os membros da comunidade. Aos poucos vão aprendendo o real sentido de ser quilombola, e a comunidade vai se reinventando e serve de exemplo para as demais.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

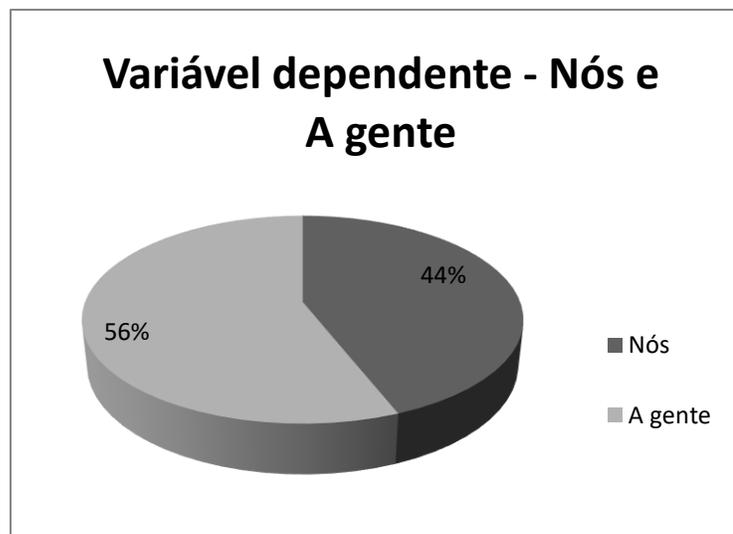
Nesta seção, realizamos uma descrição do comportamento variável da aplicação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na variedade da comunidade quilombola Serra das Viúvas, com o intuito de analisarmos como a variante padrão *nós* e a variante não padrão *a gente* coexistem no mesmo espaço e tempo dentro de uma comunidade de fala. Para tanto, focalizamos na análise da variável dependente *nós* e *a gente* na posição de sujeito e mostramos as variáveis independentes estatisticamente significativas e estatisticamente não significativas.

5.1 A variável dependente *nós* e *a gente* na posição de sujeito

A representação da primeira pessoa do plural no português brasileiro é variável e apresenta duas formas concorrentes, a saber, *nós* e *a gente*, sendo que a variante *nós* é considerada padrão e de prestígio, e a variante *a gente* não padrão, por isso vista como inovadora nas comunidades de fala investigadas.

De acordo com os resultados obtidos pelo programa GoldVarb X, comprovamos que a variante inovadora *a gente* tem predominância em relação à aplicação da variante *nós*, tendo em vista que 56% das sentenças analisadas apresentam a realização de *a gente* e 44% das sentenças apresentam a realização de *nós*. Conforme, observamos no gráfico 01, os dados nos mostram que há uma competição no que tange à aplicação das variantes.

Gráfico 01: *Nós* e *a gente* na posição de sujeito: um caso de variação



Fonte: Autora (2020)

Lucchesi, Baxter, Ribeiro (2009) afirmam que comunidades rurais e afrodescendentes, principalmente com falantes sem escolarização, como é o caso da comunidade em questão, tendem a ser mais conservadoras. No entanto, a comunidade pesquisada apresenta um comportamento diferenciado, tendo em vista que das 429 ocorrências com possibilidade de aplicação do pronome de primeira pessoa do plural, 241 foram de *a gente* e apenas 188 de *nós*.

Os dados comprovam a hipótese central deste trabalho, a de que há variabilidade no dialeto do português brasileiro falado na comunidade quilombola Serra das Viúvas, e variabilidade na aplicação da primeira pessoa do plural. Com a hipótese de comportamento variável comprovada, buscamos analisar e compreender os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem as variantes em questão. Para tanto, apresentamos as variáveis estatisticamente significativas e as variáveis estatisticamente não significativas de acordo com o programa GoldVarb X.

5.2.1 Variáveis estatisticamente significativas

Apresentamos cada uma das variáveis independentes contempladas neste trabalho, tomando por base os contextos estruturais e sociais que propiciam ou não a variante padrão e variante não padrão, também as hipóteses para cada uma delas. Apresentamos também tabelas e/ou gráficos para representarmos o número de ocorrências de cada variável no processo de quantificação dos dados, tudo isto de acordo com o valor de aplicação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito.

As variáveis significativas são aquelas que condicionam a variação em estudo. O programa selecionou seis variáveis significativas, nesta sequência, paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero, preenchimento do sujeito e determinação do referente.

5.2.2 Paralelismo formal

A variável *paralelismo formal* foi a primeira das variáveis selecionadas pelo programa e foi dividida em quatro fatores, a saber, realização isolada, primeira da série, antecedida por *a gente* e antecedida por *nós*. De acordo com Scherre (1998), a realização de uma forma tende a ocasionar a repetição da mesma forma numa sentença. Tomando por base a exposição de Scherre (1998), partimos do pressuposto de que a forma *a gente* tem um percentual elevado de ocorrências quando antecedido por *a gente*, como mostram os exemplos (38) e (39).

(38) Como *a gente* só agora só tem comprado só /mas, mar/ nesse tempo *a gente* mermo prantava pa cumê, né? Os pai - o milho *a gente* ia fazê fazia muncunzá aquele muncunzá cum carne dento - fazia é - o cuscuz do milho, depois butava o milho de molho depois *a gente* é - é Ø muia no muinho penerava L3F1F

(39) pros quilombolas né e muitas coisa que *a gente* tem direito - *arrente* muitas coisas *arrente* não sabe - dos direito tudo - da parte de empregado eu sei os direito que *a gente* tem mais essa parte ai num tô bem por dentro dessas partes não de quilombola que eu num acompanho bem esses negócios L12F1M

A tabela 01 evidencia que a aplicação da variante *a gente* na comunidade quilombola Serra das Viúvas foi maior quando antecedida de *a gente*, com um percentual de 90% e um peso relativo de .84. Atestando, dessa forma, mais uma das hipóteses deste trabalho e assemelhando-se aos dados de estudos como Vitória (2017) e Feitosa (2017), que mostram que esse contexto linguístico tende a favorecer, de fato, a realização de *a gente*.

Tabela 01: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com o paralelismo formal

Paralelismo Formal	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Realização isolada	52	101	51%	.45	49	101	48%	.55
Primeira da série	39	97	40 %	.46	58	97	60%	.54
Antecedida por a gente	14	141	10%	.16	127	141	90%	.84
Antecedida por nós	83	90	92%	.94	7	90	8%	.06

Fonte: Autora (2020)

Podemos observar também que depois do fator antecedida por *a gente*, temos o fator realização isolada que também apresenta um nível significativo, haja vista que apresenta um percentual de 48% e peso relativo .55. Ainda de acordo com a variante *a gente*, podemos verificar que o fator primeira da série também se destaca como relevante, uma vez que apresenta um percentual de 60% de aplicação e peso relativo .54, ao passo que o fator que desfavorece a aplicação de *a gente* é a variante *nós* na anteposição de *a gente*, com peso relativo .06.

No que diz respeito à aplicação da variante padrão *nós*, podemos depreender que de todos os fatores, o único que se destacou com nível de relevância para esta variante foi antecedida por *nós* como em (40) e (41), tendo em vista que apresenta um percentual de 92% e peso relativo .94.

(40) Até que ela criou *nós* - depois que criou houve uma abandono de pai e de mãe e *nós* fiquemos filho abandonado L16F2M

(41) Aí *nós* dava eu comprava uma M. comprava outra comadre G. outra comadre P. não que era mais nova mais piquena né mais carmelita se dava e não queria dá e *nós* mandava trazer de Delmiro mãe ia mãe ia vender ne Delmiro e *nós* mandava mãe trazia quando mãe chegava que mãe chegava com os carregos mãe entregava *nós* já mandava mãe descontar do dinheiro que levava as bassora pra vender L17F2F

5.2.3 Marca morfêmica

A variável *marca morfêmica* foi a segunda variável considerada estatisticamente significativa e apresenta dois fatores, a saber, marca morfêmica de terceira pessoa do singular e marca morfêmica de primeira pessoa do plural. Feitosa (2017), em sua análise com falantes sertanejos alagoanos, percebeu que a forma pronominal *nós* tende a ser mais frequente com morfema – mos, e as realizações de *a gente* tendem a ocorrer com a marca morfêmica – zero. Como a comunidade pesquisada está também inserida na região da pesquisa de Feitosa (2017), acreditamos que, na comunidade quilombola Serra das Viúvas, a variante inovadora *a gente* é aplicada com predominância com marca morfêmica de terceira pessoa do singular.

De acordo com os nossos resultados, a variante *a gente* é favorecida pela presença de marca morfológica de terceira pessoa do singular, isso faz com que comprovemos nossa hipótese. Em (42), temos *a gente* com a presença de marca morfológica de terceira pessoa do plural, e em (43), *a gente* com presença de marca morfológica primeira pessoa do plural. Em (44), temos a realização de *nós* com marca morfológica de terceira pessoa do plural e, em (45), *nós* com a aplicação de marca morfológica primeira pessoa do plural.

(42) E aí *a gente* ia fazê trança L13F2F

(43) *A gente* sofremos muito, ia pro mato tirá paia pra fazé bassora L5FIM

(44) A água *nós* botava na cabeça L14F2F

(45) Esse quartinho aí *nós* mandemo trazer a cama dele praí L13F2F

Observemos os dados da tabela 02:

Tabela 02: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com a marca morfológica

Marca Morfológica	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Terceira pessoa do singular	139	374	37%	.40	235	374	63%	.60
Primeira Pessoa do Plural	49	55	89%	.93	6	55	11%	.07

Fonte: Autora (2020)

De acordo com os resultados obtidos, 63% das ocorrências de *a gente* são favorecidas pela marca morfológica de terceira pessoa do plural com peso relativo .60 e desfavorecida pela aplicação de marca morfológica de primeira pessoa do plural com um percentual de 11% e peso relativo .07. Por outro lado, a variante *nós* é mais recorrente com a marca morfológica de primeira pessoa do plural, com um percentual de 89% de aplicação e peso relativo .93.

É importante salientar que casos como (43) de *a gente* com verbos com marca morfológica de primeira pessoa do plural foram escassos. Na tabela 02, podemos observar que foram 6 aplicações em todo o *corpus*, sendo que das seis aplicações apenas duas foram de sujeito pleno,

nos outros casos os falantes faziam a aplicação de marca morfêmica de primeira pessoa do plural mediante a antecedência de *a gente* e aplicação de sujeito nulo, como em (46) e (47).

(46) Mais pá trais *a gente* não tinha as coisa \emptyset *sofremos* muito L5F1M

(47) *A gente* se reúne quando acabá \emptyset *vamu* na casa de todas as pessoa, e cada uma pessoa dá um prato de cumida e nois faz a festa junto, todo mundo junto L3F1F

5.2.4 Faixa etária

A variável *faixa etária* é muito importante nas pesquisas sociolinguísticas, pois seus resultados permitem as projeções sobre os rumos da variação, indicando uma variação estável ou mudança em progresso. De acordo com os resultados obtidos, podemos ter uma visão do progresso da variação na comunidade de fala estudada. Quanto aos resultados expostos neste estudo, utilizamos dois grupos de fatores de análise: F1 – de 25 a 50 anos e F2 – de 60 anos em diante.

Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) trabalharam com quatro comunidades rurais e quilombolas e, nos seus resultados, observaram que os mais jovens são os que optam preferencialmente pela variante *a gente*. Tomando por base essa pesquisa, nossa hipótese é a de que falantes mais jovens, da faixa F1, fazem maior uso da variante não padrão do que os falantes mais idosos, faixa F2. Vejamos nossos resultados segundo o programa GoldVarb X:

Tabela 03: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com a faixa etária

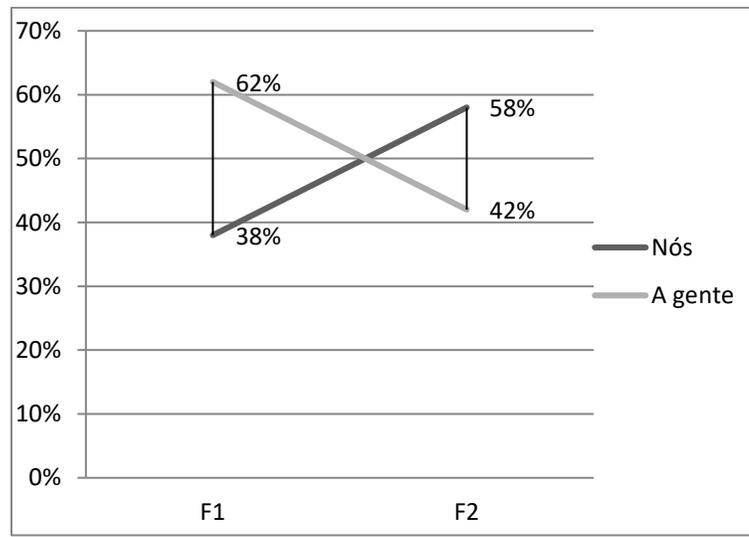
Faixa Etária	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Faixa etária 1	115	304	38%	.41	189	304	62%	.59
Faixa etária 2	73	125	58%	.69	52	125	42%	.31

Fonte: Autora (2020)

Da observação da tabela 03, apreendemos que a faixa F1 é a que mais utiliza a variante não padrão *a gente*, com um percentual de 62% que corresponde a 189 realizações e .59 de peso relativo. Os menores índices de aplicação da variante não padrão se concentram na faixa etária mais alta com um percentual de 42% correspondente a 52 aplicações e peso relativo .31. Esses resultados confirmam a nossa hipótese de que os falantes mais jovens tendem a fazer mais uso da variante não padrão.

Conforme podemos observar no gráfico 02, os nossos resultados vão ao encontro dos resultados de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) com a faixa etária mais jovem aplicando mais a variante não padrão. O que pode ser um indício de que estamos diante de um processo de mudança linguística.

Gráfico 02: Resultados da aplicação de nós e a gente de acordo com a variável Faixa Etária



Fonte: Autora (2020)

Em geral, percebemos que, na maioria dos resultados dos estudos sobre alternância de *nós* e *a gente*, independente da amostra, são os mais jovens que mais utilizam a forma inovadora, mas, no caso das pesquisas de estudos de Fernandes (2004) e Mendes (2007), percebemos um diferencial, pois em todas as faixas etárias os falantes apresentam preferência pela variante *a gente*. Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) trabalharam com quatro comunidades rurais e quilombolas com falantes não escolarizados, e assim como nos nossos resultados, observaram

que os mais jovens são os que optam preferencialmente pela variante *a gente*, revelando assim um processo de mudança.

5.2.5 Sexo/gênero

A variável *sexo/gênero* compreende dois fatores, a saber, *masculino* e *feminino*. Os estudos mostram que as mulheres estão preferindo a variante inovadora, atestando que os homens são mais conservadores (VIANNA; LOPES 2015; FEITOSA 2017; VITÓRIO 2017). No entanto, a nossa hipótese para este trabalho é a de que os homens são mais inovadores e preferem a utilização da variante *a gente*, visto que a maioria dos homens da comunidade se afasta por um período de seis a oito meses para trabalhar em usinas de cana-de-açúcar ou construtoras fora e dentro do estado de Alagoas. Assim sendo, pressupomos que estes homens entram em contato com outras normas e tendem a ter um comportamento inovador. Vejamos o que nos mostra a ilustração dos resultados dados pelo GoldVarb X:

Tabela 04: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com o sexo/gênero

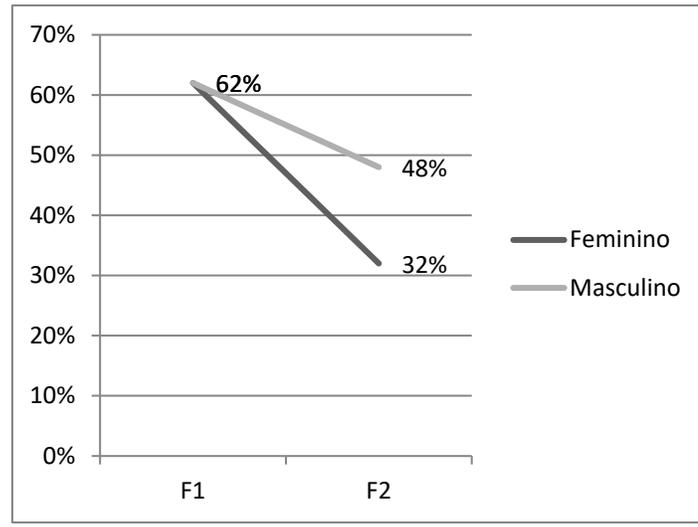
Sexo/Gênero	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Feminino	122	283	43%	.58	161	283	57%	.42
Masculino	66	146	45%	.34	80	146	54%	.66

Fonte: Autora (2020)

Na tabela 04, observamos que o sexo/gênero masculino faz mais uso da variante não padrão *a gente* que o sexo/gênero feminino. Nesta variável, a categoria masculino se destaca como a que mais utiliza a variante *a gente*, com percentual de 54% e peso relativo .66, contra 57% do sexo/gênero feminino e peso relativo .42. Nossa hipótese para esta variável foi confirmada. Em contrapartida, podemos afirmar que as mulheres preferem a aplicação da variante *nós* em relação à *a gente*, haja vista que apresenta um percentual de 43% e peso relativo .58.

Ainda com o intuito de checar a atuação da variável *sexo/gênero*, realizamos o cruzamento dessa variável com a variável faixa etária e obtivemos os seguintes dados.

Gráfico 03: Percentuais de a gente nas variáveis, faixa etária e sexo/gênero



Fonte: Autora (2020)

De acordo com o gráfico 03, verificamos que a variante inovadora é a forma preferida tanto entre as mulheres quanto entre os homens da faixa etária F1 (25-50 anos) com um percentual de 62% em ambos os casos. Observamos também que os homens da faixa etária F2 (60 anos em diante) chegam a ser mais adeptos da variante *a gente* que as mulheres dessa faixa, visto que os homens apresentam um percentual de 48%. Sendo assim, podemos concluir que as mulheres da faixa etária F2 (60 anos em diante) são as que apresentam o comportamento linguístico mais conservador dentro da comunidade quilombola Serra das Viúvas.

5.2.6 Preenchimento do sujeito

A variável *Preenchimento do sujeito* foi separada em dois fatores, sujeito preenchido e sujeito nulo. As pesquisas de Rubio (2015) e Lopes e Vianna (2015) mostram que os falantes preferem preencher o sujeito foneticamente, como em (48) e (49), e a realização implícita do sujeito pronominal desfavorece o uso de *a gente*, assim, a variante *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente, como em (49). Baseados nesses estudos, supomos que o fator sujeito preenchido favorece a variante não padrão e o fator sujeito nulo desfavorece sua aplicação. Os nossos resultados não corroboram a nossa hipótese, tendo em vista

que o sujeito nulo é quem mais proporciona a aplicação da variante inovadora *a gente*, com um percentual de 75% e peso relativo .76, conforme observamos nos exemplos (50) e (51).

(48) *Nós* num somus parente L16F2M

(49) Mais *a gente* - num sabia trabaiá cavá cova ele num sabia L13F2F

(50) *A gente* butava rapadura Ø butava é andu e Ø butava o café e Ø torrava Ø pisava e Ø fazia o café L3F1F

(51) *A gente* saiu na sexta fêra Ø cheguemo no domingo nós cheguemo lá Ø durmimo Ø fumo pro outo lugá L5F1M

Observemos a tabela 05

Tabela 05: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com o preenchimento do sujeito

Preenchimento do Sujeito	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Sujeito preenchido	166	340	49%	.57	174	340	51%	.43
Sujeito Nulo	22	89	25%	.24	67	89	75%	.76

Fonte: Autora (2020)

Na tabela 05, podemos perceber que os falantes da comunidade quilombola Serra das Viúvas optam preferencialmente pelo sujeito nulo quando fazem referência à variante *a gente*, entretanto, é importante ressaltar que em todas as ocorrências de *a gente* com sujeito nulo há uma primeira ocorrência do sujeito preenchido, como exposto em (50) e (51), parece que o falante tem sempre a necessidade de marcar o seu sujeito foneticamente para deixar evidente sua opção, e, posteriormente, na mesma sequência discursiva opta por não mais preencher a posição do sujeito. É como se depois de deixar clara sua escolha pronominal, o falante se sentisse livre para não mais utilizá-la.

Observemos também que quando o falante opta pela variante *nós* tende a preferir o preenchimento do sujeito, uma vez que a variante apresenta um percentual de 49% e peso relativo

.57. Conforme os exemplos (53) e (54), e demonstrando que diferentemente dos resultados de Lopes e Vianna (2015) e Rubio (2015), os falantes da comunidade quilombola Serra das Viúvas preferem utilizar o pronome *nós* em posição de sujeito explícito.

(53) Em casa mermo *nós* era um bucado L10F2M

(54) *Nós* tinha que butá pra fera era assim L13F2F

5.2.7 Determinação do referente

A última variável selecionada como estatisticamente significativa foi a determinação do referente, que, por sua vez, foi separada em dois fatores: referente determinado e referente indeterminado. A nossa hipótese é a de que o referente indeterminado favorecerá a aplicação da forma *a gente*, pois, ao ganhar espaço como referência a primeira pessoa do plural, teve de assumir mais características de determinação (TAMANINE, 2002). Com isso, foi perdendo terreno na indicação de um *a gente* indeterminado.

Tabela 06: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com a determinação do referente

Determinação do referente	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Determinado	187	405	46%	.52	218	405	54%	.48
Indeterminado	1	24	4%	.13	23	24	95%	.87

Fonte: Autora (2020)

Os resultados mostram que os falantes preferem utilizar a variante *a gente* com o referente indeterminado, haja vista que apresenta um percentual de 95% e peso relativo .87. Esses resultados confirmam nossa hipótese, a de que os quilombolas da Serra das Viúvas preferem utilizar o referente indeterminado, como em (55) e (56). Ainda, de acordo com a tabela 06, a variante *nós* é preferencialmente aplicada com o referente determinado, pois apresenta um percentual de 46% e peso relativo .52. Revelando assim, na maioria das vezes, que os falantes

utilizam a variante *nós* estão se referindo a um grupo específico ao qual se inclui, como em (57) e (58). Contudo, quando utilizam a variante *a gente* tendem a alternar entre a determinação e a indeterminação dependendo da ocasião, sendo que a referência indeterminada tem predominância na fala da comunidade estudada.

(55) *A gente* têm que corrê atrais especialmente os prefeito L5F1M

(56) *A gente* vai uma festa chega lá um quer repará pro oto oto repara se dança bem se dança mal L3F2F

(57) A:i quando era bem cedinho *nois* se atirava nós tudo pra nós ajudar levar L1F1F

(58) Meio dia *nois* almoça ai quando é cinco hora a gente para pra volta pra casa de novo L6F1M

5.3 Variáveis estatisticamente não significativas

Dos oito grupos de fatores controlados nesta pesquisa para as variantes *nós* e *a gente*, dois foram considerados estatisticamente não significativos pelo programa computacional GoldVarb X, a saber, saliência fônica e tempo verbal por ordem de eliminação. No entanto, esses fatores são importantes para as análises de fenômenos variáveis nas pesquisas que seguem as vertentes da Sociolinguística Variacionista, principalmente nos estudos que analisam a variação *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito.

5.3.1 Saliência fônica

A variável *saliência fônica* compreende dois fatores e refere-se a verbos [-saliente] e [+salientes]. Nossa hipótese é a de que o primeiro fator se mostrará mais relevante na aplicação da forma *a gente*. Para isto, partimos de trabalhos como o de Foeger *et al.* (2017), que afirma que verbos [-salientes] favorecem a aplicação da variante *a gente*. Observemos os nossos resultados na tabela 07:

Tabela 07: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com a saliência fônica

Saliência Fônica	Nós			A gente		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
[-Saliente]	139	374	37%	234	374	63%
[+Saliente]	49	56	87%	7	56	12%

Fonte: Autora (2020)

Como mostram os resultados, nossa hipótese para esta variável foi confirmada, e podemos observar que a [- saliência] dos verbos de fato ocasiona a aplicação da variante *a gente* com o percentual de 63% contra 12% de verbos [+saliente]. Assim, quando utilizam a variante *a gente* os falantes da comunidade quilombola Serra das Viúvas tendem a fazer a conjugação do verbo na terceira pessoa do singular, como em (59) e (60). Podemos observar também que quando os falantes utilizam a variante *nós* predominantemente optam pela [+saliência], ou seja, verbos que são conjugados na primeira pessoa do plural como em (61) e (62).

(59) Aí *a gente* tirava aquelas cargas de banana ia vender era isso L19F2M

(60) *A gente* fazia aquela compras L19F2M

(61) Teve um ano mermo que *nós* trabaíemo tanto no alugado - *nós* - só na roça dos otro por conta *nós* cavemo doze mil cova de mandioca e Ø cavemo nove em nossa roça L10F2M

(62) *Nós* não podemos fazê isso podemos? L11F2M

5.3.2 Tempo verbal

A variável tempo verbal está separada em cinco fatores, a saber, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, presente, infinitivo e gerúndio. Partimos do pressuposto de que a variável tempo verbal está diretamente ligada à saliência fônica, pois, segundo Seara (2000), a aplicação de *a gente* é mais recorrente nos tempos verbais em que há menor saliência fônica na diferença entre a terceira pessoa do singular e a primeira do plural. Verbos como pretérito imperfeito tendem a ocasionar o uso de *a gente*. Observemos os resultados da tabela 08:

Tabela 08: Resultado da aplicação de nós e a gente de acordo com o tempo verbal

Tempo Verbal	Nós			A gente		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Pretérito Imperfeito	86	191	45%	105	191	55%
Infinitivo	22	51	42%	29	51	58%
Presente	55	148	37%	93	148	63%
Gerúndio	2	8	25%	6	8	75%
Pretérito Perfeito	23	31	74%	8	31	26%

Fonte: Autora (2020)

A tabela 08 evidencia que a aplicação da regra da variante *a gente* foi mais recorrente em concordância com verbo no pretérito imperfeito, com um total de 105 aplicações e um percentual de 55%. O segundo verbo que mais influenciou a aplicação da variante inovadora foi o presente, que apareceu com um total de 93 aplicações e um percentual de 63%, por outro lado, podemos observar que a variante padrão *nós* também é mais frequente com o verbo no pretérito imperfeito, como em (63), com um percentual de 45% seguido do presente, como em (64), os percentuais desses fatores parecem baixos. No entanto, é necessário também atentarmos para o número de aplicação de cada fator em comparação com as porcentagens, já que não há pesos relativos. Os dados da tabela 08 nos mostram que, mais uma vez, nossa hipótese foi confirmada, vejamos o exemplo (65), no qual a variante *a gente* aparece com aplicação do verbo no pretérito imperfeito, e, em (66), a variante *a gente* com a aplicação do verbo no presente.

(63) Quando *nois* era piquena né? L1F1F

(64) *Nois* vive aqui L2F1F

(65) Feijão que *a gente* plantava, mandioca milho mermo como você mermo ver que *a gente* faz aquelas plantas de milho. *A gente* a pessoa come um bucado e o resto que fica pra pessoa dá o animal a bicho mermo e quando sobra *a gente* vende um saco L19F2M

(66) *A gente* num guarda aquele dia santo dessa santa Cecília nossa aqui que é nossa L19F2M

Podemos assim dizer que há variação de aplicação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito

na comunidade quilombola Serra das Viúvas e também uma disputa na utilização das variantes. Sendo essa variação condicionada pelos fatores paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero preenchimento do sujeito e determinação do referente. Desta maneira, os contextos que ocasionam a aplicação de *a gente* são *a gente* antecedido de *a gente*, verbos com marca morfêmica de terceira pessoa do singular, faixa etária mais jovem, sexo/gênero masculino, sujeito nulo e referente indeterminado. Constatamos ainda que as variáveis saliência fônica e tempo verbal não estabelecem influência direta nas ocorrências da variante *a gente*, no entanto, percebemos que verbos menos salientes proporcionam aplicação da variante *a gente*.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, analisamos as realizações da primeira pessoa do plural na fala dos quilombolas da Comunidade Serra das Viúvas Água Branca - Alagoas, com o objetivo de analisar o comportamento comunidade de fala em relação ao fenômeno em estudo. Ao partirmos do pressuposto de que as variações dentro das comunidades ocorrem em função de condicionamentos linguísticos e sociais, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008[1972]), que trata da variação e da mudança linguística e aborda os usos variáveis da linguagem em seu contexto social.

Com a observação do comportamento variável, não sendo aleatório, mas motivado por restrições linguísticas e sociais, realizamos uma análise quantitativa com o intuito de responder às seguintes questões: há variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala da comunidade quilombola Serra das Viúvas? Considerando a existência de variação, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de *nós* ou *a gente*?

Como respostas provisórias às questões formuladas, consideramos que a alternância entre as variantes linguísticas *nós* e *a gente* tem sido um dos fenômenos mais recorrente nas mais diversas regiões do Brasil. Tendo em vista este contexto de variação, partimos da hipótese de que, na comunidade quilombola Serra das viúvas, essa alternância também ocorre.

Mediante a possibilidade de variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, acreditamos que as variáveis linguísticas paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal e determinação do referente condicionam a alternância de *nós* e *a gente* e que os contextos que mais influenciam o uso de *a gente* são *a gente* antecedido por *a gente*, sujeito preenchido, marca morfêmica de terceira pessoa do plural, contextos menos salientes, tempos verbais em que há menor saliência fônica e referente indeterminado.

Ainda em relação à alternância de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, admitimos que as variáveis sexo/gênero e faixa etária condicionam a variação de *nós* e *a gente* e que a aplicação da variante *a gente* é mais frequente entre os falantes do sexo/gênero masculino da faixa etária F1(25 a 50 anos).

Para atingir os objetivos propostos, coletamos uma amostra sincrônica da língua falada de 20 informantes não escolarizados quilombolas da comunidade Serra das Viúvas, estratificados de acordo com as variáveis independentes, sexo/gênero e faixa etária. Em seguida, procedemos às transcrições dos dados e fizemos a análise e a codificação de todas as construções que ocorreram casos de aplicação do pronome de primeira pessoa do plural. Ao todo, obtivemos 429 construções de *nós* ou *a gente* na posição de sujeito, que foram estatisticamente tratadas pelo programa computacional GoldVarb X.

A partir da análise estatística dos dados, constatamos que há variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, com a variante inovadora *a gente*, ao invés da variante padrão *nós*, sendo preferencialmente utilizada. De acordo com os resultados obtidos, há um percentual de 56% de aplicação da variante *a gente* e 44% de aplicação da variante *nós*. É importante destacar que mesmo a variável *a gente* tendo um maior percentual de aplicação, as variantes estão em situação de disputa, constatado que a variante *a gente* tem apenas um diferencial de 12% a mais de aplicação que a variante padrão *nós*.

Ainda com base nos resultados obtidos, verificamos que as realizações de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade estudada não ocorrem aleatoriamente, mas são condicionadas por restrições linguísticas e sociais, a saber, paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero preenchimento do sujeito e determinação do referente.

Os contextos que favorecem a aplicação de *a gente* são *a gente* antecedido de *a gente*, verbos com marca morfêmica de terceira pessoa do singular, a faixa etária mais jovem, sexo/gênero masculino, sujeito nulo e referente indeterminados. Constatamos ainda que as variáveis saliência fônica e tempo verbal não estabelecem influência direta nas ocorrências da variante *a gente*. No entanto, percebemos que a marca morfêmica de terceira pessoa do plural e verbos menos salientes proporcionam aplicação da variante *a gente*.

A partir dos estudos realizados nesta pesquisa, constatamos um descompasso entre língua prescrita e língua em uso, não há um consenso entre o que se prescreve e o que de fato acontece na língua. Os manuais descritivos, por exemplo, explanam de que forma se dá a aplicação da primeira pessoa do plural, no entanto, poucos adotam a posição de Bagno (2012), de considerar todas as realizações de uso e manter a afirmação de que a utilização da variante *a gente* é muito mais comum do que o que relatam os manuais normativos. Castilho (2010), por exemplo,

descreve perfeitamente como a alternância de *nós* e *a gente* no português brasileiro, mas evidencia que a variante *a gente* fica apenas restrita a ocasiões informais.

A flexibilidade linguística no caso da variante *a gente* permitiu a migração do nome *gente*, que há alguns séculos era um substantivo, a se rearranjar na classe dos pronomes, modificando o quadro dos pronomes pessoais. As mudanças que ocorrem na língua nada mais são do que novas possibilidades combinatórias que se tornam usuais.

As pesquisas na área da Sociolinguística Variacionista contribuem diretamente com a desmistificação da ideia de língua estática e homogênea, tendo em vista que através de dados estatísticos mostra-se a variabilidade linguística em situações reais de usos e ainda aponta os contextos sociais e linguísticos que ocasionam as variações. Despida do conservadorismo apresentado pela maioria dos manuais normativos em apresentar as variadas formas de manifestações da língua, a Sociolinguística Variacionista não visa à extinção dos manuais normativos, mas a conscientização da mobilidade e heterogeneidade da língua.

Dessa forma, começamos a delimitar o comportamento variável de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na variedade do português brasileiro falado pelos quilombolas da Serra das Viúvas, a partir do recorte teórico-metodológico que realizamos. Esse é o segundo trabalho realizado dentro da comunidade na área da Sociolinguística Variacionista. Esperamos com esta pesquisa contribuir para o conhecimento da realidade linguística dessa comunidade, bem como despertar o interesse dos estudiosos nesse campo para maiores aprofundamentos sobre o fenômeno de *nós* e *a gente* em outras comunidades.

Desejamos também desmistificar as definições de “certo” ou “errado” e amenizar a estigmatização sobre a norma que é considerada desprestigiada. Sabemos que apesar dos resultados alcançados e mostrados nesta análise, esta pesquisa não encerra a discussão sobre os fenômenos variáveis, pois, a comunidade oferece diversas possibilidades de pesquisa e análise nos diversos fenômenos.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. **Gramática de Bolso do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2013.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- CALLOU, D. e LOPES, C. R. dos S. 2004. Contribuições da sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. João Pessoa: **Revista do GELNE**, 5 (1-2):p.63-74.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da língua portuguesa**. 48^a ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 2008.
- COELHO, I. L. [et al.] **Para conhecer a sociolinguística**. 1^a edição 2^a reimpressão. São Paulo: contexto, 2019.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5^a ed. Rio de Janeiro: Lexikon. 2008.
- FARACO, C. E [et al.] **Nova Gramática**. 15^a ed. 3^a impressão. Editora Ática S.A São Paulo 2009.
- FEITOSA, J. G. **A Variação nós e a gente na posição do sujeito no sertão alagoano**. 71f. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas Delmiro Gouveia, 2017.
- FERNANDES, E. Fenômeno Variável: nós e a gente. In: Hora, D. (Org). **Estudos sociolinguística: perfil de uma comunidade**. João Pessoa, 2004.
- FOEGER, C. C. YACOVENCO, L. C. SCHERRE, M. M. P. A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: correlação entre alternância e concordância. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 5-17, janeiro-junho 2017. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>>.
- FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português brasileiro. **DELTA - ISSN (ELETRÔNICO)** v. 32, n. 4, 2016. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/29225>> Acesso em 03 de set de 2019.
- GUY, G. e ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KATO, M. A e NASCIMENTO, M. **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença**. Volume 3. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, C. R. S. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 1999.

LOPES, C. R. S. De *gente* para *a gente*: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos. São Paulo, **Humanitas** /FLP/USP, p. 25-46. 2002.

LOPES, C. R. S. A inserção de a gente no quadro pronominal do português. **Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana**, vol. 18. 2003.

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de a gente em Português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n.1 (47-80), julho de 2004.

LOPES, C. R. S. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Matraga**. Rio de Janeiro, v 19, n 30, jan/jun. 2012.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista ABRALIN**. V.5, n 1/2006. p. 84-112 Disponível em: http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art4.pdf >. Acesso em: 03 de junho de 2019. Às 08h00min.

LUCCHESI, D. BAXTER, A. RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MENDES, R. P. S. **O Perfil da Alternância do Sujeito Nós e A gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte no português popular do interior da Bahia**. Dissertação. 2007. (Mestrado em Letras e Linguística) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M.C., DUARTE, M. E. L. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro, FAPERJ/Contracapa. 2003.

PERINI, M. A. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo. Parábola Editorial. 2008.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

RAMOS, C. M. A. *et al.* Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **SIGNUM: Est. Ling. Londrina**, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico; Brasília: INL, 1979.

RUBIO, C. F. Saliência fônica e tempo verbal na concordância de primeira pessoa do plural do português brasileiro e europeu. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**, São Paulo, 41 (2): p. 765-778, maio-ago, 2012.

RUBIO, C. F. A importância da metodologia no estudo da alternância pronominal e da concordância verbal de primeira pessoa do plural. **Cuadernos de la alfal**. 90-106 ISSN 2218-076. nº 7 março de 2015.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo Linguístico. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; YACOVENCO, L. C. Nós e A gente em Quatro Amostras do Português Brasileiro: Revisitando a Escala da Saliência Fônica. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p.428-457, 2018.

SCHERRE, M. M. P. YACOVENCO, L. C. e NARO, A. J. Nós e A gente no Português brasileiro: Concordâncias e discordâncias. **Estudos de linguística galega**. Volume especial I: 13-27. 2018.

SEARA, I.C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon** 14. 28/29: 179-194. 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/30203/18711;a>>. Acesso em 11 de outubro de 2018.

SILVA, J. A. A. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia**. 2005. 323f. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia Instituto de Letras. 2005 Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11634/1/Tese%20Jorge%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 03 de junho de 2019. As 08h00min.

SILVA, J. M. S. **Variação entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano**. Monografia (Licenciatura em Letras) Universidade Federal de Alagoas Delmiro Gouveia, 2018.

TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós e a gente no interior de Santa Catarina**. Tese de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba. Universidade Federal de Sergipe - UFS | ISSN 1980-8879 | p. 159 – 172. 2002.

VIANNA, J. S. e LOPES, C.R.S. In: MARTINS, M. A e A, J. **Variação dos Pronomes “nós” e “a gente”**. Editora Contexto, 2015.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. **(CON)TEXTOS LINGUÍSTICOS**, v. 12, p. 61-77, 2018. Disponível em <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/19383>>. Acesso em 05 de out de 2019.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. **A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL.** Letrônica. Porto Alegre, v.10,n 1, p.122-138, janeiro-julho, 2017.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.